



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A influência de registros bíblicos no idiomatismo:
uma perspectiva metafonímica**

André Moura Ribeiro

Brasília-DF
2022



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**A influência de registros bíblicos no idiomatismo:
uma perspectiva metaftonímica**

Mestrando: André Moura Ribeiro

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Enilde Faulstich

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Área de concentração: Teoria e Análise Linguística. Linha de pesquisa: Linguística Cognitiva.

MM929i Moura , André
A influência de registros bíblicos no idiomatismo: uma perspectiva metaftonímica. / André Moura ; orientador Enilde Faulstich. -- Brasília, 2022.
76 p.

Dissertação (Mestrado em Linguística) -- Universidade de Brasília, 2022.

1. A BÍBLIA: LIVRO E FUNÇÃO. 2. FRASEOLOGISMOS (EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS). 3. LÉXICO E COGNIÇÃO. 4. METÁFORA E METONÍMIA. 5. METAFONIMIA. I. Faulstich, Enilde, orient. II. Título.

Dissertação de Mestrado

**A influência de registros bíblicos no idiomatismo:
uma perspectiva metafonímica**

Banca examinadora:

Professora Doutora Enilde Faulstich (PPGL/LIP/IL/UnB)

Orientadora (presidente)

Professora Doutora Sabrina Pereira de Abreu (PPG-LETRAS/IL/UFRGS)

Membro efetivo externo

Professor Doutor Rodrigo Albuquerque Pereira (PPGL/LIP/IL/UnB)

Membro efetivo interno

Professora Doutora Michelle Machado de Oliveira Vilarinho (PPGL/LIP/IL/UnB)

Membro suplente

Brasília-DF
2022.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

ARC (Almeida Revisada e Corrigida)

ARA (Almeida Revisada e Atualizada)

CBSP (Centro Bíblico de São Paulo)

FIG (Figueiredo)

MCI (Modelos Cognitivos Idealizados)

MS (Manuscrito)

NT (Novo Testamento)

RHODEN (Huberto Rhoden)

SBBE (Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira)

SOARES (Matos Soares)

TEB (Tradução Ecumênica da Bíblia)

TRAD. BRAS (Tradução Brasileira)

UF (unidade Fraseologica)

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre se fez presente espiritualmente em minha vida e iluminou todas as etapas deste mestrado. A Ele agradeço por ter me dado saúde e sabedoria para que meus objetivos fossem alcançados durante todos esses anos acadêmicos;

Aos meus familiares, Erbênio, Iracema, Adavio, Tiago, Diego, Filipe, Débora, Ana Paula e Iara, por todo apoio, ajuda e contribuição para a realização deste trabalho;

Aos meus pais e irmãos que compreenderam minha ausência em prol da realização desta dissertação. Aos amigos, que muito se preocuparam com o processo de cada período letivo que passei;

À Profa. Dra. Juliana Soledade, por todo incentivo na minha escolha da linha de pesquisa e pelas ótimas aulas que tive o prazer de acompanhar como aluno especial no PPGL, antes de me matricular no mestrado;

À Profa. Dra. Enilde Faulstich pela competência e disponibilidade na condução da orientação desta dissertação, estimulando, de forma muito significativa, os avanços na minha formação como pesquisador; pela confiança em mim depositada e pelo incentivo a nunca desistir deste grau acadêmico;

Ao Prof. Dr. Nativall Neto, pela generosidade em me ajudar na divisão de cada capítulo desta dissertação, com competência e dedicação, acreditando no meu potencial para enveredar pela fascinante área da Linguística Cognitiva, sem descuidar da delicadeza e seriedade desta trajetória, mas instigando-me a avançar sem medo; pelas inúmeras oportunidades de interlocução, que contribuíram para solidificar a minha formação;

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB, pelas contribuições para a minha formação acadêmica e profissional;

Aos colegas de minha turma de mestrado (2020), pelo companheirismo e amizade, que seguiram comigo nesta jornada, pela paciência, apoio e carinho, principalmente nos momentos mais difíceis;

À minha ex-professora do Ensino Médio e hoje companheira de estudos Professora Doutora Conceição Guisardi, pelo carinho e pela disponibilidade em discutir a temática do *corpus* analisado, além da colaboração nos artigos realizados durante o ano letivo.

Aos membros da Banca Examinadora, pela presteza em atenderem a minha solicitação e pela generosidade em participar como examinadores desta dissertação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de uma bolsa de estudos durante o período do mestrado;

À Universidade de Brasília (UnB), por sempre buscar o melhor para os alunos incentivando sempre aos estudos, mesmo durante a pandemia do Covid-19.

Sumário

RESUMO	8
ABSTRACT	9
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
A BÍBLIA: LIVRO E FUNÇÃO.....	13
ESTRUTURA E HISTÓRIA DA BÍBLIA.....	13
1.1 AS TRADUÇÕES	16
1.2 VERSÕES CATÓLICAS ROMANAS	19
1.3 TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA	20
2 FRASEOLOGISMOS (EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS).....	22
3. COMPOSICIONALIDADE SEMÂNTICA.....	31
4 LÉXICO E COGNIÇÃO.....	34
4.2 METÁFORA E METONÍMIA	37
4.2 METAFTONÍMIA	43
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
5.1 MÉTODO.....	48
5.2 DEFINIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	48
6 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	74

RESUMO

Esta dissertação se insere nos estudos de idiomatismo/fraseologismo e investiga Unidades Fraseológicas, a fim de descobrir as motivações que algumas construções convencionalizadas têm no Brasil, bem como as relações de causalidade com registros bíblicos que nos levam a conceptualizar certos tipos de expressões idiomáticas. A análise das Unidades Fraseológicas tem por objetivo constatar os usos que os falantes fazem, no cotidiano, ao servirem-se de partes de versículos bíblicos no emprego de expressões metafóricas. O foco das análises são as metaftonímias encontradas nas expressões investigadas. A observação do grau de idiomatismo utilizada nas análises está centrada no uso da categorização fraseológica, categorização metafórica, metonímica e metaftonímica. As análises centram-se nos pressupostos teórico- metodológicos de Lakoff e Johnson (1980), bem como nos pressupostos da metaftonímia estipulados por Radden (2003), que relaciona e contrasta a metáfora e a metonímia. As expressões analisadas resguardam certo grau de moralidade, moldado pela religião, implícito na composição. Notamos que parênticas e entre outros tipos de expressões idiomáticas, que servem para instruir o falante a situar-se em um contexto de moralidade. consideramos que o conceito de religiosidade exerce grande influência na cristalização das UF's metafóricas, porém, quando a metáfora se fixa nos enunciados, torna-se apartidária, no sentido de não repassar somente o contexto religioso como maior influente cognitivo na conceptualização metaftonímica. As Unidades Fraseológicas são, portanto, um tipo de construção que parte da natureza corpórea e cerebral inserida nos ambientes em que estamos, para conceituar as relações sociais e os valores de cada indivíduo. Dessa forma, a metaftonímia constrói no discurso diversas interpretações, justamente por ter várias vias conceptuais no processamento cognitivo, o que possibilita até mesmo conflitos interpretativos entre os falantes. Consideramos que a metaftonímia se configura com base em experiências corporificadas, que necessitam de nossa percepção de mundo, para que possamos conceptualizar os itens lexicais e recriar expressões idiomáticas. A Bíblia, por sua vez, influencia no sentido de nos fornecer itens lexicais - e grande parte já se encontra em nosso conhecimento literário - que revelam e resguardam valores morais e éticos.

Palavras-Chave: Bíblia; metaftonímia; metáfora

ABSTRACT

This dissertation is part of the studies of idiomaticism/phraseologism and investigates Phraseological Units, in order to discover the motivations that some conventionalized constructions have in Brazil, as well as the causal relationships with biblical records that lead us to conceptualize certain types of idiomatic expressions. The analysis of Phraseological Units aims to verify the uses that speakers make, in everyday life, when using parts of biblical verses in the use of metaphorical expressions. The focus of the analysis is the metaphonymies found in the investigated expressions. The observation of the degree of idiom used in the analyzes is centered on the use of phraseological categorization, metaphorical, metonymic and metaphonymic categorization. The analyzes focus on the theoretical-methodological assumptions of Lakoff and Johnson (1980), as well as on the assumptions of metaphonymy stipulated by Radden (2003), which relates and contrasts metaphor and metonymy. The analyzed expressions preserve a certain degree of morality, shaped by religion, implicit in the composition. We note that parêmiás and among other types of idiomatic expressions, which serve to instruct the speaker to situate himself in a context of morality. we consider that the concept of religiosity exerts a great influence on the crystallization of metaphorical FUs, however, when the metaphor is fixed in the statements, it becomes non-partisan, in the sense of not only passing on the religious context as the greatest cognitive influence in the metaphonymic conceptualization. The Phraseological Units are, therefore, a type of construction that starts from the corporeal and cerebral nature inserted in the environments in which we are, to conceptualize the social relationships and values of each individual. In this way, metaphonymy constructs different interpretations in the discourse, precisely because it has several conceptual paths in cognitive processing, which even allows interpretive conflicts between speakers. We consider that metaphonymy is based on embodied experiences, which require our perception of the world, so that we can conceptualize lexical items and recreate idiomatic expressions. The Bible, in turn, influences in the sense of providing us with lexical items - and a large part is already in our literary knowledge - that reveal and protect moral and ethical values.

Keywords: Bible, metaphonymies; metaphor

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em termos de difusão, certamente, não existe livro que se compare com a *Bíblia*. Esse livro, o mais vendido na história da humanidade, desperta interesses diversos de estudiosos de diferentes áreas do conhecimento humano, como teólogos, linguistas, historiadores, antropólogos, entre outros. É perceptível o quanto passagens dos textos bíblicos influenciam a sociedade em geral até os tempos atuais. De acordo com John Drane (2009), “a Bíblia tem fornecido roteiros para diversos filmes de Hollywood. Foi traduzida para mais línguas do que qualquer outro livro na história, e partes textuais mais conhecidas estão disponíveis hoje em mais de duas mil línguas”.

A *Bíblia* contém informações que estavam muito à frente de seu tempo. Num tempo em que havia ideias imprecisas sobre o formato da Terra, a Bíblia referia-se a ela como um círculo ou esfera (Isaías 40:22), bem como dizia acerca da suspensão da Terra sobre “o nada” (Jó 26:7). Sendo a *Bíblia* o livro mais difundido no mundo e no Brasil, torna-se importante o estudo da idiomaticidade dela, ou seja, estudar como foi feita a releitura de expressões utilizadas nesse livro, que nos levou a transmitir expressões formulaicas no dia a dia e que estão presentes no português brasileiro como algo trivial para os falantes. Entre as expressões que serão objetos deste estudo, destacam-se algumas como: “*Nada de novo sob o Sol*”, “*Que atire a primeira pedra*”; “*Cego guiando outro cego*”; “*A fé move montanhas*”; “*A união faz a força*”; “*A carne é fraca*”, entre outras que serão utilizadas como auxílio no desenvolvimento desta dissertação.

Esta pesquisa insere-se nos estudos de idiomatismo/fraseologismo, a fim de investigar algumas construções convencionalizadas e usuais no Brasil que têm origem relacionada a registros bíblicos. Surge, então, uma questão de pesquisa a ser argumentada: quais expressões bíblicas foram tomadas no português brasileiro como expressões idiomáticas e quais foram as motivações para isso, assim como que relações de significado motivaram o uso de certos tipos de expressões oriundas da *Bíblia*?

A observação de que a linguagem é, além de um fenômeno cognitivo, também um fenômeno sócio-histórico e cultural, e de que, pela linguagem, podemos nos constituir socialmente, levanta questionamentos acerca de quais seriam as motivações que levariam os falantes a servirem-se de elementos do contexto bíblico para transmitir expressões idiomáticas

no cotidiano. O que nos leva a pensar: “A religiosidade é um dos elementos motivacionais para a utilização dessas expressões? Se for, que elementos narrativos são construídos por esses falantes?” Para possibilitar o estudo de ressignificação, analisaremos as expressões sob estudo em interfaces com outros estudos da Semântica, da Lexicologia e da Linguística Cognitiva.

A idiomaticidade relaciona-se com diversas formas de metáfora e de metonímia, ou seja, várias maneiras de dizer e significar algo. A *Bíblia* é rica nesse sentido, apresentando-nos muitos sentidos para um mesmo referente. Além disso, esse livro possui diversas expressões de natureza metaftonímica, o que influencia na criação e adaptações das expressões idiomáticas, norteadoras deste estudo. A percepção a respeito da importância de um estudo mais profundo sobre expressões idiomáticas que possuem características metafóricas e metonímicas instigou a analisar essas expressões metaftonímicas a fim de contribuir para os estudos fraseológicos. Acreditamos que uma pesquisa acerca da metaftonímia possa trazer reflexões de suma importância para a Linguística Sociocognitiva

O objetivo geral deste estudo centraliza-se em investigar como algumas expressões idiomáticas oriundas da Bíblia foram conceptualizadas por mecanismos metafóricos e metonímicos e que são usadas comumente no português brasileiro. Já os objetivos específicos serão feitos em duas partes, mas que estarão realizados contínuo e contingentemente. A primeira parte, é a de comparar os elementos de ressignificação da expressão existente na *Bíblia* com a sua forma-base. A segunda é a de detectar os mecanismos linguístico-cognitivos que acionam processos metafóricos e metonímicos no uso coloquial (ressignificação) das expressões idiomáticas provenientes da *Bíblia*.

A pesquisa segue as reflexões de autores que discutem metáfora e metonímia, como, principalmente, Lakoff e Johnson (1980) que, no livro *Metaphors We Live By*, afirmam ser a metáfora um mecanismo linguístico que permite que as pessoas usem o que sabem sobre suas experiências físicas e sociais diretas para compreender coisas mais abstratas – os autores situam-se no âmbito da linguística cognitiva.

A estrutura da dissertação se dará com a divisão em seis capítulos, sendo: o primeiro sobre as características gerais da Bíblia, bem como suas diversas traduções brasileiras; o segundo sobre os estudos fraseológicos e as principais características das expressões idiomáticas; o terceiro sobre a composicionalidade semântica das expressões idiomáticas e a importância de se ter uma análise partindo do sentido literal para o mais metafórico; o quarto capítulo se encontra pressupostos teóricos lexicológicos e cognitivos, que auxiliarão no entendimento do caminho cognitivo percorrido ao utilizarmos uma expressão metafórica; o quinto capítulo irá tratar sobre a

relação literal-metaftonímico e a necessidade da existência de uma metonímia para a instauração da metáfora e vice-versa. No último capítulo, se encontram análises fraseológicas e metaftonímicas que elucidam melhor a contiguidade da relação metáfora-metonímia em expressões idiomáticas oriundas de registros bíblicos.

Sob o ponto de vista metodológico, faremos um levantamento bibliográfico e reflexivo a respeito de exemplos textuais como fonte de argumentação para análise da interação por meio da religiosidade como um princípio criativo. Para isso, serão discutidas as estratégias de interpretação e do processo de ressignificação, tendo por ponto de partida a *Bíblia*. Portanto, a metodologia é de natureza qualitativa-interpretativista, já que pretende analisar os mecanismos e as estratégias que estão presentes na relação locutor/interlocutor nos discursos envolvidos.

A BÍBLIA: LIVRO E FUNÇÃO

A Bíblia, certamente, é um dos, ou até mesmo, o livro mais difundido do mundo. Possivelmente, por isso, a ela desperta interesses dos diversos estudiosos de diferentes áreas do conhecimento humano, como teólogos, linguistas, historiadores, antropólogos, entre outros. É perceptível o quanto as passagens bíblicas influenciam a sociedade em geral, desde eras passadas até os tempos atuais – e quanto mais é difundida, com o passar dos séculos, mais faz parte da linguagem que compõe o “estado de coisas” dos falantes.

Nesta seção, serão apresentados os aspectos principais, como estrutura, história, traduções e versões que estão à disposição do público leitor. Além disso, será mencionado o tipo de edição bíblica escolhida para as análises das expressões pré-selecionadas para esta pesquisa.

ESTRUTURA E HISTÓRIA DA BÍBLIA

De acordo com Silva (1986), a palavra “bíblia” não consta na própria *Bíblia*. Porém, o autor nos diz a respeito da etimologia:

Vem do grego, a língua original do Novo Testamento. É derivado do nome que os gregos davam à folha, de papiro preparada para a escrita – “biblos”. Um rolo de papiro de tamanho pequeno era chamado “biblion” e vários destes eram uma “bíblia”. Portanto, literalmente, a palavra bíblia quer dizer “coleção de livros pequenos”. Com a invenção do papel, desapareceram os rolos, e a palavra biblos deu origem a “livro”, como se vê em biblioteca, bibliografia, bibliófilo, etc. É consenso geral entre os doutos no assunto que o nome Bíblia foi primeiramente aplicado às Sagradas Escrituras por João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla, no Século IV (SILVA, 1986, p. 10).

Assim sendo, os livros contidos na *Bíblia* não estavam unidos como conhecemos hoje em nossas *Bíblias*. O autor complementa que isso só foi possível por causa da “invenção do papel no século II, pelos chineses, bem como a do prelo, de tipos móveis, inventada em 1450, pelo alemão Gutemberg” (SILVA, 1986, p. 10).

A *Bíblia* possui uma divisão entre *Antigo Testamento* e *Novo Testamento*. O primeiro contém 39 livros e foi escrito originalmente em hebraico. Esses livros classificam-se em grupos, de acordo com os assuntos a que pertencem, a saber: lei, história, poesia, profecia. O segundo, o

Novo Testamento, contém 27 livros, foi escrito em grego e também está dividido em quatro grupos: biografia, história, epístolas/doutrinas e profecia.

Ainda a respeito da estrutura da *Bíblia*, Silva (1986) complementa:

Antes, a Bíblia não era dividida em capítulos e versículos. A divisão em capítulos foi feita no ano de 1250, pelo cardeal Hugo de Saint Cher, abade dominicano e estudioso das Escrituras. A divisão em versículos foi feita de duas vezes. O AT em 1445, pelo Rabi Nathan; o NT em 1551, por Robert Stevens, um impressor de Paris. Stevens publicou a primeira Bíblia (Vulgata Latina) dividida em capítulos e versículos em 1555. O AT tem 929 capítulos e 23.214 versículos. O NT tem 260 capítulos e 7.959 versículos. A Bíblia toda tem 1.189 capítulos e 31.173 versículos. O número de palavras e letras depende do idioma e da versão (p.13).

A *Bíblia* possui livros que não foram inclusos como canônicos, chamados de apócrifos. Até mesmo no Antigo Testamento, os livros que o compõem são canônicos, visto que as religiões antigas eram passadas escrita e oralmente. Na Palestina, por exemplo, séculos antes de Moisés, diversas escritas religiosas foram descobertas por meio da Arqueologia. O autor complementa: “O Cânon do Antigo Testamento, como o temos atualmente, ficou completo desde o tempo de Esdras, após 445 a.C.” (SILVA, 1986, cap. 4). Além disso, o autor menciona que há uma divisão, disposição e ordem dos livros canônicos diferente da *Bíblia* hebraica, pois, no hebraico, eles não estão em ordem cronológica, porque os judeus não se preocupavam com isso. Silva (1986) acrescenta:

A nossa divisão em 39 livros vem da Septuaginta, através da Vulgata Latina. A Septuaginta foi a primeira tradução das Escrituras, feita do hebraico para o grego, cerca de 285 a.C. Também a ordem dos livros por assuntos, nas nossas Bíblias, vem dessa famosa tradução. (p. 31).

Foi somente em 90 d.C., em um concílio denominado Concílio de Jamnia, em Israel, que o Antigo Testamento foi reconhecido e fixado como cânon da *Bíblia*. Porém, o autor reafirma que “o trabalho desse concílio foi apenas ratificar aquilo que já era aceito por todos os judeus através de séculos” (SILVA, 1986, p. 33).

Já a escrita do Novo Testamento foi bem mais rápida, pois os escritos foram feitos em apenas 27 livros (menos que o Antigo) e vieram da Vulgata Latina, mas não possuem uma ordem cronológica. Em 100 anos, todos os livros que compõem o conjunto já estavam escritos. No entanto, o que demorou foi o reconhecimento canônico, pois a igreja estava mais cuidadosa com a exigência de provas concretas a respeito das escrituras. Além disso, o aparecimento de

apócrifos – assim como aconteceu no Antigo Testamento – fez surgir dúvidas sobre a veracidade do que hoje já eram reconhecidos como cânon. Somente em 397 d.C., no III Concílio de Cartago que se deu o reconhecimento e a fixação do Novo Testamento.

A respeito das datas e do período do cânone em geral, o autor complementa:

O Antigo Testamento foi escrito no espaço de mais ou menos 1.046 anos; de 1491 a 445 a.C, isto é, de Moisés a Esdras. A data 445 é apenas um ponto geral de referência cronológica quanto ao encerramento do cânon do Antigo Testamento. [...] O Novo Testamento foi completado em menos de 100 anos, pois seu último livro, o Apocalipse, foi escrito cerca de 96 d.C. Isto é, dá um total de 1.142 anos para a formação de ambos os Testamentos (1.046 + 96). (Leve-se em conta que a cronologia bíblica é sempre aproximada, pois os povos orientais não tinham um sistema fixo de computação de datas.) (SILVA, 1986, p.36).

Para revelar alguns idiomatismos relevantes para a análise, utilizaremos somente do cânon, visto que os apócrifos não são tão difundidos. A respeito desses apócrifos, a igreja católica aceitava todos, mas, após o Concílio de Trento (também chamado de Concílio Ecumênico, ocorrido entre 1546 a 1563), foram aceitos 11 apócrifos. Porém, a igreja ortodoxa até hoje aceita todos os 14 apócrifos como parte da *Bíblia*.

Até os dias atuais é bem comum, entre muitos católicos, dizer que as *Bíblias* de edição protestantes são falsas. Quanto a isso, o autor complementa:

Quem, contudo, comparar a Bíblia editada pelos evangélicos com a editada pelos católicos há de concordar em que as duas são iguais, exceto na linguagem e estilo, que são peculiares a cada tradução. O que alegam contra a nossa Bíblia é que lhe faltam livros e partes de outros, mas essa falta é de livros e de parte de livros apócrifos, como mencionamos (SILVA, 1986, p. 37-38).

Quanto ao estudo bíblico, vale ressaltar que o autor menciona a respeito da nomenclatura dos livros, pois os estudiosos denominam-se diferente dos católicos. No que diz respeito a nosso estudo, esclarecemos que os 11 livros considerados deuterocanônicos pelos estudiosos e apócrifos pelos católicos e os livros pseudoepigráficos reconhecidos pelos estudiosos e apócrifos pelos católicos não são objeto desta pesquisa, como anteriormente explicado.

1.1 AS TRADUÇÕES

Neste capítulo será tratado a respeito das traduções bíblicas, suas origens e processos de reformulação ao longo da história. Além disso, será descrito como se deu a escrita da Bíblia desde períodos antes de Cristo (a.C); a ocorrência da Septuaginta; descrição dos manuscritos; versões latinas; versões orientais; versões europeias; versões ocidentais e versões brasileiras.

As línguas originais da *Bíblia* são aramaicas e hebraicas (Antigo Testamento) e grego (Novo Testamento). A maior parte do Antigo Testamento é em hebraico e algumas passagens são em aramaico. Muitas pronúncias da *Bíblia* perderam-se por causa do hebraico. Quanto a isso, Silva (1986) discorre:

A escrita hebraica dos tempos antigos só empregava consoantes sem qualquer sinal de vocalização. Os sons vocálicos eram supridos pelo leitor durante a leitura, o que dava origem a constantes enganos, uma vez que havia palavras com as mesmas consoantes, mas com aceções diferentes. Quer dizer, a pronúncia exata dependia da habilidade do leitor, levando em conta o contexto e a tradição. (SILVA, p. 41).

O autor comenta que, após o século VI, a pronúncia tradicional foi perpetuada depois da criação de um sistema de vocalização pelos chamados massoretas. Sendo assim, os textos bíblicos que vieram depois desse século são chamados Massoréticos e os que empregam os antigos caracteres hebraicos são chamados de Pentateuco Samaritano.

No século 285 a.C., ocorreu a chamada Septuaginta, na qual foi traduzida alguns livros bíblicos do hebraico para o grego. A Septuaginta foi assim chamada por causa dos 72 eruditos escolhidos pelo sumo sacerdote (6 de cada tribo) para escreverem a versão bíblica e eles a fizeram em 72 dias. Por isso, o nome Septuaginta, derivado de 70 (LXX), escrita em grego, muito popular entre os judeus da época, sendo mais bem compreendida no grego que no aramaico. Foi a primeira tradução completa do Antigo Testamento que antes era escrito em hebraico.

Toda a *Bíblia* foi preservada por meio dos manuscritos. Nos estudos bíblicos, a palavra “manuscritos” é tratada pela abreviação MSs. De acordo com Silva (1986, p.43), “há, em nossos dias, cerca de 4.000 MSs da Bíblia, preparados entre os séculos II e XV” e “há dois materiais principais: papiro e pergaminho”. O autor complementa:

É digno de nota que os MSs mais antigos da Bíblia estão em grego. Esses manuscritos não são originais, são cópias. Os originais saídos das mãos dos escritores, perderam-se. (SILVA, 1986, p. 43).

Ainda sobre as versões *bíblicas* traduzidas, como é tratado pelo autor, além das versões

semíticas (como o Pentateuco Samaritano) e as versões gregas (como a Septuaginta), há, ainda diversas outras futuras versões das traduções da *Bíblia*. A latina, por exemplo, sofreu grande influência político-cultural se considerarmos que o último império mundial foi o romano. Ainda na escrita do Novo Testamento em original grego, havia menções ao latim, como a própria escrita latina no título posto sob a cruz de Jesus Cristo.

Das versões latinas existentes, destacam-se: a *Antiga Versão Latina* (chamada de Versão Africana do Norte); a *Ítala* (ou *Vetus Ítala*); a *Revisão de Jerônimo* e a *Vulgata*. Após a revisão da antiga versão latina que Jerônimo fez entre 382-387 d.C., a Septuaginta começou a entrar em desuso. Quanto à Vulgata (também revisada por Jerônimo), Silva (1986) comenta:

Devido à popularidade e difusão que teve, foi, no tempo de Gregório, o Grande (604 d.C.), denominada “Vulgata”, do latim “vulgos” = povo, isto é, versão do povo, popular, corrente. Por mil anos a Vulgata foi a Bíblia de quase toda a Europa. Foi ela também a base de inúmeras traduções para outras línguas. Foi decretada como a Bíblia oficial da Igreja Romana no Concílio de Trento, 4ª Sessão, em 8 de abril de 1546; decreto este somente cumprido em 1592 com a publicação de nova edição da Vulgata pelo Papa Clemente VIII (p. 51).

Houve versões orientais que se basearam na Septuaginta nas suas produções, mas não convém a esta pesquisa os detalhes sobre cada uma. Porém, há de mencionar que são as versões *egípcias* ou *cópticas*; a *etíope*; a *gótica*; a *armênia*; a *georgina* e a *eslavônica*.

Somente depois de cerca de 300 anos, a *Bíblia* foi traduzida para as línguas europeias. De acordo com Silva (1986, p. 52), as primeiras línguas europeias para as quais a *Bíblia* foi traduzida foram: “o francês (1487), o italiano (1432), o alemão (1534), o sueco (1541), o dinamarquês (1550), o holandês (1560), o espanhol (1602), o finlandês (1642), o português (1681), etc.” que tiveram como base a Vulgata – cabe destacar as línguas europeias, a inglesa, a alemã e a portuguesa. A primeira foi a que rompeu, de início, com a língua latina, tornando-se pioneira na tradução própria de sua nação. Já a segunda (de origem alemã) foi feita durante a Reforma Protestante por Martinho Lutero em 1534; sobre esta versão, Silva complementa:

Esta Bíblia foi de inestimável valor para o Movimento da Reforma. Foi tão bem-feita que serviu de base para o alemão literário. Na Alemanha, a Bíblia é considerada como o começo da literatura alemã. (1986, p.53).

Para os demais idiomas, inicialmente as versões bíblicas não foram traduzidas por inteiro em cada língua. Por isso, não nos atentaremos aqui às versões que são parcialmente traduzidas, mas, sim, as que foram traduzidas completamente. A de Almeida foi pioneira no idioma

português. O autor traduziu todo o Novo Testamento, bem como parte do Antigo Testamento e seus missionários finalizaram o seu trabalho após o falecimento de Almeida. Posteriormente, o texto de Almeida foi revisado em 1894 e 1925. Em 1951, a Imprensa Bíblica Brasileira (organização batista independente) publicou a edição “Revisada e Corrigida”, abreviadamente ARC. (SILVA, 1986, p. 54).

Como as outras versões, a de Figueiredo também foi uma tradução feita da Vulgata entre 1781 e 1790. A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (SBBE) até hoje publica versões oriundas da de Figueiredo. A respeito dessas sociedades modernas que publicam as versões bíblicas e auxiliam nas versões brasileiras, Silva (1986) discorre:

Começou em 1904, por uma comissão de vultos do evangelismo brasileiro, nomeada pela SBA (Sociedade Bíblica Americana) e SBBE (Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira). Entre outros, foram membros da comissão: Antônio Trajano, Eduardo Carlos Pereira e Hipólito de Oliveira Campos. O NT foi publicado em 1910 e o AT em 1917. A tradução é muito fiel ao original. Há muita rigidez na tradução. Falta-lhe a beleza de estilo e a segurança vernacular, porque a tradução é literal, e não à base da equivalência dinâmica, como se diz em linguística (p. 54).

Algumas versões, como a versão de Rhoden, servem somente como estudos bíblicos e críticas textuais, pois o mesmo só foi traduzido para o Novo Testamento e serve de cunho comparativo. Além de Rhoden, outro padre brasileiro escreveu uma tradução da *Bíblia*: o texto de Matos Soares que é muito popular entre os católicos romanos do Brasil.

Com base nas informações de Silva (1986), há um quadro demonstrativo com as versões em português:

Quadro 1 – Versões bíblicas

Versões brasileiras	Por extenso	Ano	Breve resumo
ARC	Almeida Revisada e Corrigida	1951	É a Bíblia de Almeida antiga, impressa pela Imprensa Bíblica Brasileira.
ARA	Almeida Revisada e Atualizada	1959	É a Bíblia de Almeida revisada e publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil, completa, a partir de 1958.
FIG	Figueiredo	1821-2021	Atualmente é impressa pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, Londres.
SOARES	Matos Soares	1932	Versão popular dos católicos brasileiros.
RHODEN	Huberto Rhoden	1935	Versão particular desse ex-padre brasileiro.
Cbsp	Centro Bíblico de São Paulo	–	Edição católica popular da <i>Bíblia</i> , São Paulo.
TRAD. BRÁS	Tradução Brasileira	1917	–

Fonte: SILVA (1986, p. 16).

1.2 VERSÕES CATÓLICAS ROMANAS

Até aqui comentamos sobre a *Bíblia* como um todo, desde a história, perpassando por aspectos da estrutura em diversas traduções até chegar às principais versões brasileiras que foram traduzidas no século XX. Há de destacar que, como supramencionado, cada versão bíblica apresenta diferentes traduções, mas possuem peculiaridades que se aproximam umas das outras e são separadas dado o segmento cristão que as conduz.

As versões bíblicas que são aceitas pela Igreja Católica Apostólica Romana são todas que possuem os sete livros a mais que as demais religiões cristãs, a saber: 1º Livro dos Macabeus; 2º Livro dos Macabeus Tobias; Judite; Sabedoria; Baruc e Eclesiástico ou Sirácida. A seguir, discorreremos sobre as versões que estão de acordo com o segmento católico apostólico romano com base nas informações de Marco Antônio (2018):

Quadro 2 – Versões católicas brasileiras

Versão	Edição	Breve resumo
Bíblia Pastoral	Editora Paulus	Sua primeira edição foi em 1991 e com notas pastorais de linguagem simples para facilitar o entendimento.
Bíblia do Pão	Ed. Vozes e Ed. Santuário	Primeira edição foi em 1982 com notas de rodapé explicativas e de linguagem simples.
Bíblia Sagrada	Editora CNBB	Foi editada inicialmente em 2000 e é atualizada a cada edição, facilitando a tradução para os tempos atuais. A linguagem é simples e de fácil compreensão.
Bíblia Sagrada de Aparecida	Ed. Santuário	Editada em 2006, é uma das edições mais recentes. Possui um único tradutor, o Padre José Raimundo Vidigal. A linguagem é simples e uniformizada por ser traduzida por apenas uma única pessoa.
Bíblia Sagrada	Ed. Ave Maria	Traduzida do francês, em 1959, a partir de textos da <i>Bíblia dos Monges de Maredsous</i> , religiosos beneditinos da Bélgica. Devido ao fato de essa tradução não ter sido atualizada desde então, essa <i>Bíblia</i> possui muitos problemas de linguagem já que a <i>Bíblia de Maredsous</i> passou por atualizações e a linguagem brasileira também passou por mudanças.
Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje	Ed. Paulinas	É uma versão pouco utilizada pela Igreja Católica e tem uma linguagem simples como seu título propõe.
Bíblia de Jerusalém (de estudo)	Editora Paulus	Primeira edição é de 1973, sendo revisada e atualizada. Possui muitas notas de esclarecimento, o que facilita a compreensão já que os textos em si se aproximam dos originais com expressões em desuso. Devido a isso, é usada para fins de estudos bíblicos.
TEB – Tradução Ecumênica da Bíblia	Ed. Loyola	A tradução foi realizada por especialistas bíblicos tanto cristãos quanto judeus. Essa <i>Bíblia</i> levou décadas para ser traduzida do francês por buscarem se aproximar mais dos textos originais, o que pode ser de difícil compreensão para o leitor, mas de grande proximidade das terminologias

		hebraicas. Tem um número elevado de notas, buscando aproximar-se mais do texto das línguas originais, o que, às vezes, torna a compreensão mais difícil para o leitor, pois aproxima os nomes próprios o mais possível do termo hebraico.
Bíblia do Peregrino	Editora Paulus	Foi traduzida pelo especialista em literatura e poesia hebraica, Padre Schökel. É uma tradução que se aproxima do nosso idioma, mas que mantém a forma dos textos originais.

Fonte: Que Bíblia devo adquirir? Autor: Marco Antônio (2018) para o site:

www.irnovajerusalem.com.br

1.3 TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA

A escolha da Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB) como a versão que auxiliará nesta pesquisa se dá devido a mesma possuir uma pluralidade ao tratar das tradições cristãs e de subscrever as várias confissões em um comum acordo, realçando os acentos específicos de cada religião cristã.

A TEB não apenas busca simplificar a leitura bíblica, trazendo aos vocábulos para uma realidade contemporânea (algo necessário, pois a realidade está em contínua mudança), mas também, como diz na apresentação da TEB:

Procura, antes de mais nada, cuidadosa fidelidade semântica, ou seja, expressar, em língua moderna e levando em consideração a cultura atual, a realidade comunicada pelas palavras antigas (Tradução Ecumênica da Bíblia-TEB, Apresentação)

Na própria apresentação da versão é reafirmado que o objetivo da TEB é familiarizar o leitor com a semântica do texto. É comentado que nem sempre a “tradução gramatical e lexicalmente fiel foi suficiente” e que era preciso “recorrer a expressões equivalentes ou, conservando a expressão original por causa de seu uso consagrado ou íntima conexão com o contexto” (Tradução Ecumênica da Bíblia-TEB, Apresentação).

Os sete livros bíblicos comumente retirados de *Bíblias* protestantes se encontram na TEB como apêndice (prática essa que era realizada, até mesmo, em traduções na época da Reforma). Sendo assim, a TEB põe um fim a uma das principais diferenças entre as Bíblias católicas e protestantes.

Por ser uma tradução direta da edição francesa, a TEB segue a linha de tradução original do hebraico, aramaico e grego. De acordo com o *site* da *Vatican News* (2020):

Configurando-se como uma edição de referência, a TEB é também, no campo acadêmico, uma excelente Bíblia de estudo, que apresenta textos inéditos em língua portuguesa e ricas notas com muitas referências de textos paralelos. Tanto para os especialistas como para aqueles que desejam ferramentas seguras de interpretação bíblica é uma edição incomparável no mercado editorial (VATICAN NEWS, 2020).

A TEB foi inicialmente realizada por duas pessoas católicas e duas protestantes. Logo em seguida, a versão foi encaminhada para os católicos ortodoxos e para aproximadamente 100 críticos para que dessem seus pareceres. Para esta pesquisa, a TEB vai servir como fonte de análise de várias expressões idiomáticas oriundas de narrativas bíblicas e que terão como base esses elementos metafóricos.

Neste capítulo, pode-se ter uma certa noção de qual tipo de tradução bíblia iremos tratar nas análises e que servirá de objeto de descrição de como cada expressão idiomática se encontra nas passagens da Bíblia. Além disso, vimos como é de fundamental importância que a tradução esteja atualizada e de acordo com a linguagem moderna e contemporânea da sociedade, pois, como veremos no próximo capítulo, os fraseologismos possuem variantes e conforme a tradução vem sendo atualizada, mais variantes aparecem no léxico sociocognitivo.

2 FRASEOLOGISMOS (EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS)

Sendo a *Bíblia* o livro mais difundido no mundo, o estudo da idiomaticidade, entendida nesta dissertação como estudo das passagens bíblicas que serviram de fonte para extração de expressões formulaicas¹ usadas no português brasileiro, como algo trivial, na comunicação dos falantes. Entre as expressões que serão objetos deste estudo, destacam-se: “cego guiando outro cego”; “pegar para Cristo”; entre outras que serão utilizadas como dados de análise no desenvolvimento desta pesquisa. A seguir, serão apresentados conteúdos teóricos, relativos à fraseologia e aos conceitos, bem como os objetivos da investigação e das diretrizes.

Segundo Corpas Pastor, a fraseologia tem como objeto de estudo:

As unidades do discurso repetido, chamadas de unidades fraseológicas (UFs), e que contempla aspectos interdisciplinares da Morfologia, da Sintaxe, da Semântica, da Pragmática, e também da Psicolinguística e da Sociolinguística. Tal perspectiva múltipla permitiu que ela se liberasse da antiga concepção anomalista, forçosamente limitada, para a qual essas estruturas não eram senão desvios e irregularidades dentro do sistema da língua por oposição às unidades do discurso livre, que se combinam seguindo as regras da sintaxe (PASTOR, 1996, p. 9).

Os estudos idiomáticos e fraseológicos giram em torno de um vértice comum, qual seja: forma fixa e sentido único. Os idiomatismos/fraseologismos apresentam, nessa perspectiva, uma correlação simétrica entre forma e sentido. Esta questão, envolvendo os idiomatismos, foi tratada, ainda, em Saussure, quando reconhece, assim, a categoria das frases-feitas como fazendo parte da língua:

Há, primeiramente, um grande número de expressões que pertencem à língua; são as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir pela reflexão, as partes significativas (cf. fr.: *a quoi bon? Allons donc!* etc.) [...] esses torneios não podem ser improvisados; são fornecidos pela tradição (SAUSSURE [1916]1970, p. 144).

¹ Nesta dissertação, *expressões formulaicas* e *expressões idiomáticas* serão tratadas como sinônimos.

Como visto anteriormente, Saussure ([1916]1970, p. 144) postulou que na língua existem vários sintagmas que não podem ser modificados sintaticamente como em “mais ou menos” “daqui em diante”. Para Saussure, qualquer frase é uma sequência de signos, em que a soma de todos os signos colabora para o significado do todo. O autor já postulava sobre a união de signos que as partes se juntam para formar um todo, ou seja, já considerava a ordenação dos signos sintagmaticamente a fim de ocasionar um significado global específico e não sobre a soma de cada significado das partes.

Esses sintagmas são considerados pelo autor como frases-feitas e que nos são dadas pela tradição, considerando, portanto, aspectos extralinguísticos como necessário para produção de frases-feitas.

O próprio autor escolhe por não definir classificações a essas frases-feitas, pelos seguintes motivos:

Cumprir reconhecer, porém, que no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual. Num grande número de casos, é difícil classificar uma combinação de unidades, porque ambos os fatores concorreram para produzi-la e em proporções impossíveis de determinar (SAUSSURE ([1916]1970, p. 145).

Quando Saussure relata a respeito de agrupamentos, de as sentenças possuírem uma relação sintagmática e de as palavras não serem meramente isoladas, ele se torna, então, pioneiro ao assumir uma posição sobre o estudo que viria ser denominado Fraseologia. Sendo assim, mesmo que Saussure não seja tão citado na bibliografia sobre fraseologismos, ele foi um dos primeiros linguistas a tratar de questões que, futuramente, seriam voltadas para as unidades fraseológicas (UFs).

Assim como Saussure, Bally (1951), seu discípulo, postulou que a assimilação linguística se dá por meio de agrupamentos e associações. Para ele, a combinação das palavras de uma língua é necessária para assimilação da mesma. De acordo com o autor, alguns agrupamentos podem ser passageiros e desfazerem com o tempo ou podem ser repetidos tantas vezes até apresentar certa fixidez, tornando-se mais estáveis.

Os próprios discípulos de Saussure, como Bally (1951), por exemplo, já haviam percebido que nossa memória retém muito melhor as palavras em grupos do que isoladas. Em suas palavras: “nunca poderíamos conservar, nem empregar todas as palavras que sabemos da língua materna,

se tivéssemos que aprendê-las separadamente” (BALLY, 1951, p. 67). Pondera-se, então, que Bally é um importante autor nos estudos fraseológicos, pois foi o primeiro a falar em graus de fixação das combinações de locuções. Ou seja, algumas palavras tendem a se combinar mais do que outras.

Para Zuluaga (1975, p. 1), essas expressões fixas podem ser chamadas de ditos; modismos; fórmulas; frases-feitas, etc. Para ele, as regras que formam as expressões fixas não são as mesmas das unidades livres. Uma dessas regras e principal característica das locuções agrupadas seriam a estabilidade pela fixação. O autor afirma que a fixação é arbitrária, pois, para ele, essas expressões têm a forma que têm devido ao uso repetido dos falantes. Ele divide a fixação em quatro tipos:

1. Inalterabilidade da ordem dos componentes.
2. Invariabilidade de alguma categoria gramatical.
3. Não admissão da operação de inserção.
4. Impossibilidade de substituição dos componentes da unidade.

Já Coseriu (1981, p. 297-302) propõe que a *técnica livre* se refere “a todas as unidades léxico-gramaticais que utilizam as regras disponíveis da língua para se combinarem entre si”. Ele difere essa técnica livre das estruturas pré-fabricadas, as quais ele nomeia de “discurso repetido”, produzidas linguisticamente pelos falantes (COSERIU, 1981, p. 297-302).

Além disso, Biderman (1998) aborda a existência de graus de cristalização variados entre as fraseologias:

Numa língua flexiva como o português, um lexema pode assumir várias formas compondo um paradigma (caso dos verbos, dos adjetivos e substantivos), mas pode também manifestar-se como formas aparentemente discursivas. Nas realizações discursivas [...] as fronteiras entre uma unidade lexical complexa e um sintagma discursivo são difusas. Existe [...] uma gama de soldadura entre os elementos de uma sequência linguística, [...] lexia complexa [...]. Podemos identificar lexias complexas cujos elementos componentes estão perfeitamente soldados, e outras com um forte índice de coesão interna (p. 138)

Alguns linguistas atribuíram a essas expressões congeladas “um caráter de exceção, de anomalia linguística”. Sendo assim, complementa Biderman, “o estudo dessas combinatórias

lexicais ou fraseológicas suscita muitos problemas teóricos e coloca em causa os papéis atribuídos tradicionalmente à sintaxe e ao léxico” (BIDERMAN, 1998, p. 91).

Na visão de Bevilacqua (1994, p. 846), a fraseologia de um sistema linguístico é “como a combinação de elementos linguísticos em uma dada língua, relacionados semântica e sintaticamente, que não pertencem a uma categoria gramatical específica e cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos”. A autora ressalta que há dois aspectos importantes em relação às unidades fraseológicas: a sua “conceituação” e o seu “reconhecimento”, e este segundo “implica a determinação de seus limites, ou seja, o reconhecimento de expressões formadas por mais de uma palavra que, apesar disso, representam uma unidade de sentido” (BEVILACQUA, 1994, p. 846).

Um dos problemas que os lexicógrafos encontram ao realizar uma análise de unidades fraseológicas (UFs) em obras dicionarísticas é de que há uma vasta terminologia para designar essas lexias, como “expressão idiomática”, “fraseologismo”, ou “idiomatismo”, entre muitos outros, sem apresentar, portanto, a diferença entre eles.

Para elucidar melhor o conceito de expressão idiomática, Tagnin (1989, p. 13) afirma: “Dizemos que uma expressão é idiomática apenas quando seu significado não é transparente, isto é, quando o significado da expressão toda não corresponde à somatória do significado de cada um de seus elementos”. Além disso, a autora complementa que – ao recorrer ao significado não composicional quando o objetivo é conceituar uma expressão idiomática – o significado acaba sendo convencionalizado e que “a idiomaticidade é um aspecto que pode existir em maior ou menor escala numa expressão” (TAGNIN, 1989, p. 45). Ou seja, as expressões podem apresentar diferentes graus de idiomaticidade.

À luz dos pensamentos de Saussure ([1916]1970, p. 148), a unidade lexical designada pelo termo *fraseologia* seria definida como agrupamentos. Segundo o autor, “tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de sintagmas” que “se compõe de duas ou mais unidades consecutivas” (SAUSSURE ([1916]1970, p. 142). Além de ser um encadeamento linear, esses agrupamentos são realizados por meio de relações associativas ou paradigmáticas, pois “diferentes associações estabelecidas entre seus elementos linguísticos constitutivos permitem a ocorrência de variações no seu interior” (BEVILACQUA, 1996, p. 20).

Se assim como as palavras, os fraseologismos possuem a função denominativa, logo, eles estão acumulados no léxico e, para que se integrem dentro de um léxico, é necessário

estruturar os fraseologismos de alguma forma dentro de um “campo lexical”, termo este que será melhor tratado no decorrer desta dissertação. Sobre os fraseologismos estarem acumulados no léxico e, assim, pertencerem a uma vertente dos estudos lexicológicos, Klare (1986) afirma:

Enquanto as palavras normalmente são constituídas de um único corpo, os fraseologismos compõem-se de vários formativos que formalmente podem ser considerados como palavras. Daí resulta para nós um critério essencial [...]. Ressaltamos mais uma vez insistentemente o fato de que os fraseologismos têm uma função denominativa como as palavras e que como tais também estão acumulados no léxico (1986, p. 355).

Vinogradov, em 1947, afirma que UFs podem funcionar como frases, tais como: provérbios e fórmulas ritualizadas/rotineiras. De acordo com o autor, as UFs podem funcionar como palavras, ou seja, locuções, expressões idiomáticas e colocações (COWIE, 1998, p. 4).

Há uma complexidade de se conceituar os fraseologismos, justamente por haver tantas denominações entre os estudiosos. Klare (1986) indica certos critérios para denominar os fraseologismos a serem considerados e que não podem ser isolados, segundo o autor:

[...] nossos critérios são a idiomaticidade, a estabilidade e a lexicalização, quer dizer a acumulação no léxico e a reproduzibilidade assim possível do todo como complexo. Considerados isolados estes critérios são insuficientes para a determinação dos fraseologismos, normalmente devem ser cumpridos todos pela locução em questão (p. 358).

Para Biderman (2001):

O léxico se expande, se altera, às vezes se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares. Isso porque o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo, pois, ao nomear os seres e objetos que o circundam, o homem os classifica. (p. 179)

Sendo assim, a precedência da formulação da hipótese de que as expressões idiomáticas implicariam uma aquisição – e uso – dá uma base para proposição de que elas seriam “estruturas fixas”, ou seja, invariáveis do ponto de vista sintático-semântico.

Esse entendimento que, pouco a pouco, tornou-se consensual entre muitos pesquisadores, fundamentou-se na crença de que o idiomatismo corresponderia a uma entidade única, léxico-semântico-sintática. É necessário, então, compreender como se dá, cognitivamente, a inserção de

palavras e das UFs dentro de um campo léxico-semântico-sintático, que será tratado nos demais capítulos desta dissertação.

Corpas Pastor (1996, p. 19) define algumas características acerca das UFs para melhor definir o que seria um fraseologismo, a saber:

São unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível da oração composta. Ditas unidades se caracterizam por sua alta *frequência de uso* e de *co-aparição* de seus elementos integrantes; por sua *institucionalização*, entendida em termos de *fixação e especialização semântica*; por sua *idiomaticidade* e potenciais *variações*; assim como pelo *grau* ao qual se dão todos estes aspectos nos diferentes tipos (PASTOR, 1996, p. 20) (grifo nosso).

Quanto à frequência de uso, a autora afirma talvez parecer ser uma das características mais salientes das UFs. A frequência de coaparição de seus elementos integrantes se dá quando os constituintes aparecem com maior frequência combinados do que separados individualmente na língua. Ela compara essa característica com a da *institucionalização* por estarem intimamente ligadas, visto que ambas estão relacionadas com a consolidação das UFs como expressões fixas quando usadas frequentemente.

A institucionalização ou *convencionalização* acontece devido ao uso frequente das UFs. Para Copras Pastor (1996, p. 22), os falantes não criam combinações originais ao falar, mas, sim, reproduzem combinações já criadas e repetidas no discurso que outrora foram sancionadas pelo uso frequente.

Outro aspecto relevante é a da fixação, Zuluaga (1975, p. 230) a define como “propriedade que têm certas expressões de serem reproduzidas na fala como combinações previamente feitas”. Segundo o autor, existem certos tipos de fixação como a ordem dos componentes e a fixação das categorias gramaticais (como tempo, pessoa, gênero, número), mas a mais importante seria a da fixação no inventário dos componentes que, de acordo com ele, seria impossível inserir, suprimir ou substituir os componentes.

Junto com a fixação, a especialização semântica (ou lexicalização) faz parte da convencionalização das UFs. Copras Pastor (1996, p. 26) define dois tipos de lexicalização: 1) é “adicionado um significado” à semântica original dos componentes, passando “do particular, físico e concreto ao geral, psíquico e abstrato.” 2) “Aquela lexicalização que se obtém como resultado da supressão do significado”. Ela conclui afirmando que:

Se deduz que primeiro se produz a fixação e posteriormente, como consequência disso, se pode realizar uma troca semântica. Por esta razão, toda expressão que apresente especialização semântica é fixa, mas o mesmo não necessariamente ocorre ao contrário (PASTOR, 1996, p. 26) (tradução minha).

A *idiomaticidade* refere-se a um grau alto de lexicalização. Isso porque é uma propriedade semântica cujo significado não se pode deduzir a partir dos significados individuais de cada componente lexical. As UFs podem apresentar um sentido literal e um sentido idiomático, ou seja, nem todas UFs são idiomáticas por excelência. O sentido idiomático pode aparecer em UFs metafóricas e/ou metonímicas, como veremos brevemente.

A fixação idiomática de uma UF sofre variações semânticas e mudanças lexicais. Sobre essa mudança lexical, Corpas Pastor (*apud* ZULUAGA, 1996, p. 28) cita alguns princípios básicos:

Para que duas unidades fraseológicas sejam consideradas variantes, estas devem estar dentro de uma mesma língua funcional; não apresentar diferenças de significado; serem livres e independentes dos contextos em que aparecem; serem parcialmente idênticas em sua estrutura e em seus componentes; e serem fixas; no sentido de que formem parte de um conjunto limitado e estável (PASTOR (1996, p. 28).

A autora cita que há dois tipos de variantes nas quais se modificam lexicalmente os componentes: a primeira se dá na permanência de, ao menos, um componente lexical, como em expressões do tipo “alguém que não possui conhecimento *guiando* alguém que também não possui um conhecimento ” (“cego *guiando* um cego”); no segundo tipo se perde a identidade lexical dos componentes como em “da água para o vinho” (mudança drástica, rápida e/ou completa). Além disso, a autora complementa: “somente a institucionalização e fixação de uma UF é suficiente para que uma variação sobre a mesma seja efetiva” (PASTOR, 1996, p. 30). Segundo ela:

As variantes não devem se confundir com a modificação criativa destas unidades. O grau de modificação que permite que as UFs sigam sendo reconhecíveis é diretamente proporcional ao grau de fixação das mesmas. Assim, quanto maior é a sua fixação, e conseqüentemente sua institucionalização, mais possibilidades há de que sofram modificação no discurso, e de que tal modificação e seu efeito sejam reconhecidos pelos falantes. (PASTOR, 1996, p.29)

O grau de modificação é apresentado com vários aspectos que seguem escalas de acordo com características idiomáticas das UFs, como a transparência semântica das metáforas em: “pegar para Cristo” em que apresenta uma opacidade semântica bem mais alta que “fazer o bem sem olhar a quem” de grau mais baixo.

Além dessas características que as UFs precisam ter para serem consideradas fraseologismos, a pesquisadora traz também uma breve explicação sobre as classificações das UFs que podem ser: 1) colocações; 2) locuções; e 3) enunciados fraseológicos. Sobre a primeira, ressalta-se que apresentam características fraseológicas ou apenas como combinações gramaticais sem que necessariamente tenham características idiomáticas ou sentido figurado.

Tem-se, na expressão idiomática “lavar as mãos” (não tomar partido ou ser responsável por algo), a composição de mais de uma palavra, uma estabilidade sintática e o sentido figurado, o que faz dessa locução verbal um exemplo da segunda classificação dada por Corpas Pastor (1996, p. 270). Inserem-se nessa classificação todos os tipos de locuções, como as nominais, verbais, adjetivais, adverbiais, causais, conjuntivas e prepositivas.

A respeito da terceira classificação, a autora cita duas divisões: as parêmiias e as fórmulas rotineiras. Sobre as parêmiias, ela discorre:

As parêmiias, devido ao distanciamento do emissor, geram implicaturas conversacionais de cuja responsabilidade é eximido a ele. Nos atos de fala, se realizam atos ilocucionários que produzem no receptor certos efeitos perlocucionários, constituindo, em muitos casos, atos perlocucionários: servem para convencer, persuadir e instruir o receptor ou para conseguir que ele faça algo ou que atue de uma forma determinada; ao passo que, quando não se mantém uma reação, as parêmiias cumprem bem mais uma função fática. (PASTOR, 1996, p. 275).

As parêmiias subdividem-se em 3: 1) enunciados de valor específico; 2) citações; e 3) refrões. Quanto à primeira, está intimamente ligado ao que a autora diz sobre convencer, persuadir e instruir o receptor a algo, como em “Deus ajuda quem cedo madruga”. Ao segundo, identificam-se as UFs que formam os ditos populares, como “os humilhados serão exaltados”. Os refrões possuem uma diferença básica: “apresentam uma variedade de recursos fônicos que, juntocom as figuras sintáticas ou esquemas próprios das parêmiias, cumprem funções mnemotécnicas e estabilizadoras”. PASTOR (1996, p. 272). Ou seja, o objetivo dos refrões é o de memorizar e se estabilizar no imaginário popular e a fonética cumpre uma função que a de decorar tais falas,

como, por exemplo: “ fazer o bem sem olhar a quem”; “os humilhados serão exaltados”; “Deus ajuda quem cedo madruga”, entre outros.

As fórmulas rotineiras dividem-se em duas classificações segundo a autora. A primeira está relacionada a fraseologismos que usamos rotineiramente no discurso, como: despedida e saudações (“vá com Deus”, “Deus te abençoe”). A segunda, chamada de fórmulas psicossociais, está presente no léxico sociodiscursivo dos falantes, de modo que cause certa dependência contextual e discursiva para que sejam usadas, como: “Deus te pague” “Deus é mais” “Nossa Senhora! ”

Muito se discute a respeito da composicionalidade semântica desses tipos de expressões classificadas neste capítulo.

3. COMPOSICIONALIDADE SEMÂNTICA

O significado das coisas é algo que o ser humano busca sempre relacionar com o que é falado, ou seja, com o significante. Essa relação entre significante e significado é um assunto que sempre percorreu os estudos linguísticos, principalmente nos estudos semânticos em que parte dos pesquisadores se voltaram a tentar explicar o assunto de maneira formalista e outros optaram por não ignorarem os aspectos extralinguísticos.

De acordo com Fillmore (1976), os modelos formalistas baseiam-se em um ponto de vista composicional para tentar explicar sobre a seleção de significados que o falante faz em seu léxicon/campo lexical, pré-selecionando possíveis significados para formar as sentenças. Os formalistas que defendem essa linha focam em analisar a composicionalidade semântica observando literalmente as partes constituintes e a soma dessas partes daria conta, segundo eles, de todo o significado global da sentença. Dessa forma, “*beija-flor*”, por exemplo, seria a soma do verbo beijar e do substantivo flor. Esse tipo de análise é chamado pelos formalistas de Hipótese Forte da Composicionalidade.

Fillmore (1976) acaba sugerindo outra hipótese ironizando a teoria de falante/ouvinte ideal de Chomsky (1965), criando, assim, a teoria do falante/ouvinte inocente. Essa teoria é aplicável em situações em que o falante reproduz uma sentença já antes proferida, mas, para o falante, tal sentença é algo novo, pois o mesmo não consegue fazer cálculos passados para poder somar os constituintes e resultar no significado global da sentença.

É notável que a Hipótese Forte da Composicionalidade estudada pelos formalistas não se aplica em vários momentos do discurso em que aparecem fraseologismos, os quais implicam semanticamente diversos sentidos para um mesmo constituinte. Somente os idiomatismos/expressões idiomáticas possibilitam uma análise mais completa de sentenças que levam em conta os aspectos extralinguísticos do falante.

Sendo assim, a Hipótese Fraca da Composicionalidade é adotada pela Linguística Sociocognitiva, área da Linguística que busca responder a questões semânticas que se relacionam com o meio em que o indivíduo se insere e, conseqüentemente, coloca em análise o falante como o principal construtor do conhecimento por meio de sua cognição. A Hipótese Fraca da Composicionalidade não nega, portanto, que exista uma competência semântica em que o falante

associe a composição dos constituintes sentenciais, mas afirma que essa composição é limitada e que é necessário analisar o todo em que os conceitos estão integrados.

Essa nova hipótese contrasta, portanto, com a ideia de que, nas expressões idiomáticas, não há composicionalidade semântica, pois não há regras que deixam claro suas análises, como há no modelo formalista. Porém, é um equívoco essa definição sobre a não composicionalidade das expressões idiomáticas. Como visto anteriormente, na expressão idiomática “cego guiando um cego”, pode-se claramente observar a composicionalidade semântica se formando a partir de uma idiomaticidade. Mas, em “me pegar para Cristo”, os sentidos não estão divididos entre as partes, logo, é uma expressão não composicional.

Quando usamos a expressão “me pegar para Cristo”, quer dizer, que nos é dada uma culpa mesmo não a possuindo. Essa expressão não pode ser traduzida individualmente na soma dos componentes, mas ela possui certa composicionalidade ao analisarmos que “me *pegar*” significa “me fazer” e que o “culpado/injustiçado” é remetido à figura de Cristo. Dessa forma, “me pegar para Cristo” seria “me ter de bode expiatório” ou “me usar como exemplo/lição”. Sendo assim, mesmo que seja uma expressão não composicional, pois o significado dos constituintes não forma o significado global, ainda assim há uma composição idiomática ao somar a idiomaticidade das partes. Dessa forma, mesmo em expressões não composicionais, há certo grau de composição semântica. É devido à composicionalidade que as variantes idiomáticas são bem presentes no repertório linguístico.

Existem, entretanto, expressões que possuem um grau de composicionalidade muito menor que até sua complexidade semântica se torna mais difícil de ser analisada, como, por exemplo, “pagar o pato”, que é um tipo de variante idiomática de “pegar para Cristo” e “bode expiatório”. Não há como analisar o item lexical “pagar” como “tomar para si” e “o pato” como o culpado, como é feito em “pegar para Cristo”, pois não há na figura do pato algo que o torna inocente, assim como o bode que é abatido primeiro para que os demais o veja como exemplo de sacrifício. Em casos como este, as linhas de pesquisa estruturalista/formalista inferem que seja um caso que envolva o léxico e que possui certa irregularidade quanto à composicionalidade forte.

Todavia, como foi visto, mesmo em sentenças tradicionalmente chamadas de não composicionais, é notável a presença de certo grau de composicionalidade. Dessa forma, a diferença no grau de composição semântica entre “cego guiando um cego” e “pagar o pato” é enorme, pois a primeira é forte e a segunda é fraca. Já a diferença no nível do grau de composição

entre “cego guiando um cego” e “pegar para Cristo” é menor, pois ambos possuem grau de composicionalidade forte, mesmo que a segunda possua maior grau idiomático.

Nesta seção, deparamo-nos com várias características sobre a Fraseologia e o seu objeto de estudo, as UFs, e que elas possuem certa idiomaticidade. A idiomaticidade relaciona-se com diversas formas de metáfora e metonímia, uma vez que esses processos sociocognitivos têm papel relevante na cristalização de expressões formulaicas. A *Bíblia* é rica nesse sentido, notam-se muitas passagens em que se percebem os recursos da metáfora e da metonímia. Tais passagens servirão de fonte para as expressões idiomáticas a ser analisadas nesta pesquisa.

4 LÉXICO E COGNIÇÃO

4.1 SEMÂNTICA DE FRAMES

Coseriu (1967) aponta para duas linhas de raciocínio relativas à noção de “esquema”, uma que implica a interpretação e aplicabilidade do conceito e outra que recusa o conceito como meio para solucionar os problemas da dicotomia *langue/parole*.

Ao ampliar a discussão sobre sistema e norma, Coseriu (1973, p. 100) declarou que era possível chegar a uma abstração para além do sistema, que poderia chamar-se, segundo um termo hjelmsleviano, ‘esquema’. Para ele, no esquema, subsistem somente funções puras, com relações algébricas de quantidades vazias. Esta sincronia pura e integral estaria, segundo o autor, fora da história e mesmo fora do campo da linguagem (e da linguística), transformando a investigação em si em um estudo da mentalidade dos povos, de uma ‘forma interior’, mais lógica que linguística. Essa abstração seria útil na compreensão da ‘gramática geral’ e na comparação estrutural entre línguas, dado que os quadros lógicos poderiam se aplicar a mais de uma língua. (FAULSTICH, 2020, p. 4-5)

Seguindo essa linha, Faulstich (2020 [2010], p. 5) conclui: “é possível deduzir, *a priori*, que o esquema de Hjelmslev não forma a base para o campo lexical coseriano, enquanto o esquema conduz à compreensão do conceito de moldura”

Contudo, Faulstich (2020 [2010], p. 5) retoma Fillmore (1997) sobre as noções de esquema e *framework* serem equivalentes:

Para Fillmore (1977), a noção de esquema é equivalente à de um “schemata conceptual” ou “framework” quer dizer, à de um quadro de ação ou de um contexto maior, dentro do qual cada item lexical tem uma significação própria. Esse quadro se organiza, por consequência, a partir de um conjunto de noções ou de pistas que se tornam necessárias para a caracterização de um acontecimento, como, por exemplo, uma mensagem publicitária.

Dirk Geeraerts e Hubert Cuyckens (2007, p. 83) afirmam que um *esquema* é um conceito superordenado, aquele que especifica o esboço básico comum a vários conceitos específicos. Os

conceitos específicos, que são chamados de *elaborações* ou *instanciações* ou *subcasos do esquema*, preenchem esse esboço de formas variadas muitas vezes de maneiras contrastantes. Além disso, os *frames* também podem trabalhar como essas instanciações ou subcasos do esquema no preenchimento desse “esboço”.

Nessa perspectiva, o sentido depende do *frame*, não dos traços de uma palavra (do protótipo, exemplo). Se fôssemos definir a palavra “desconto” a uma criança, por exemplo, seria insuficiente falar em diminuição no preço de produto ou serviço em uma transação comercial. Precisaríamos explicar todo o contexto, formulando algo como: “quando queremos comprar algo, temos que ir a uma loja, falar com o vendedor, pagar, etc.” Nessa explicação, apareceriam mais palavras que fazem parte do *frame*, como vendedor, comprador, mercadoria, serviço, preço, dinheiro etc. Nós compreendemos a primeira definição, porque temos todo o *frame* internalizado, diferentemente da criança. Assim, na semântica de *frames*, as palavras evocam conhecimentos que todos compartilhamos na sociedade. Essas estruturas conceituais tendem a refletir práticas culturais, a exemplo de “calendário”, “futebol”, “noiva”.

Faulstich vai além na explicação:

Para Fillmore, é preciso compreender que a organização da frase deve ser vista como um *framework*. Por isso, ele ressalta a análise dos papéis dos participantes de uma situação e reconhece que esses elementos são necessários como parte de uma análise geral de cenas. Em outras palavras, os itens de uma moldura são compreensíveis por qualquer um que tenha acesso conceitual ao esquema fundamental no qual as partes da moldura se encaixam (FAULSTICH, 2020 [2010], p. 6-8)

Assim, para Fillmore (1977), o conceito de campo semântico pode ser entendido no âmbito da noção de esquema, e o conceito de campo vocabular pode ser identificado com a noção de *frame* (ou moldura). Dessa forma, o esquema de “cor” identifica o campo semântico dos termos de cores; o esquema de acontecimentos comerciais forma a base do campo vocabular de *comprar* e *vender*.

Sabe-se que as estruturas lexicais possuem uma organização de ordem sintática, que permitem, por meio de funções e relações entre si, elaborarem os argumentos discursivos. Com base nisso, daremos foco na análise do grande campo lexical.

Podemos compreender o campo lexical como o conjunto de palavras relacionadas a um valor comum. Ele inclui diferentes categoriais gramaticais. Por exemplo, a palavra “ROUPA”

pode remeter a vestido, tecido, costurar, cortar, ou seja, cognitivamente, esses arquilexemas² estão no mesmo campo lexical, pois estão relacionados a um mesmo valor lexical comum – valor do campo, segundo Coseriu (1977, p. 135-136). Outro exemplo: “CAÇA” (caçador, animal, predador, presa, atirar, atirador).

De acordo com Faulstich (2020 [2010]), os campos lexicais não são campos conceituais, pois não apresentam relação de significados (animal ≠ tiro). No entanto, em relação aos significados das palavras, os campos lexicais são centrípetos. Ou seja, somente no campo lexical há a união de lexemas, visto que campos conceituais e associativos prestam relação entre lexemas, mas não os unem em um mesmo campo. Eles unem por meio de um valor comum (caça ~ animal, tiro), “em tipos ‘ontológicos’ de oposições”. Campo lexical abrange mais do que conjunto de significados. Ele, necessariamente, passa por esquemas e por *frames*, além de valores comuns de lexemas. A autora complementa:

Se retomarmos o ponto de vista estruturalista de Coseriu, nós diremos que campo lexical não é moldura. Esta é de natureza sintagmática, e o campo lexical é paradigmático; o campo lexical é de natureza opositiva e a moldura é de natureza transitiva. Na organização da moldura, os itens lexicais podem apresentar a forma de outros tipos de campos, mas requerem, por sua especificação semântica, um detalhe preliminar, que é a natureza do esquema conceitual associado.” *Exemplo*: o item lexical *troco* muda de valor de acordo com o *frame* que ativamos. Por exemplo, esse item adquire valores distintos em “vou te dar o troco” e “aceita troco”? Ou seja, o contexto (de vingança) altera o campo lexical de acordo com os frames inseridos no esquema (FAULSTICH, 2020 [2010], p. 8).

Faulstich (2020 [2010], p. 8) conclui: “Parece-nos, por fim, ser possível relacionar a natureza do campo lexical mais aos fatores ‘êmicos’” (unidade linguística dentro de um sistema), “enquanto a natureza da moldura estaria relacionada aos fatores ‘éticos’” (estruturas conceituais oriundas de experiências culturais).

Ao tratarmos de unidade lexical, ressalta-se que ela pode ser simples, aquela que possui apenas um elemento, ou complexa, aquela que apresenta dois ou mais elementos, como é o caso das unidades fraseológicas. Essas mais complexas são representadas por uma sequência de

² Arquilexema – ar.qui.le.xe.ma (substantivo masculino). LINGUÍSTICA: elemento que apresenta o conjunto de traços semânticos (semas) pertinentes e comuns às diversas unidades da série, e neutraliza a oposição de traços semânticos específicos das unidades dessa mesma série.

palavras restritas do ponto de vista semântico e, muitas vezes, sintático, de forma que representam uma só unidade lexical.

Voltando a atenção ao que esclarece Biderman (1998, p.138), o lexema “é uma entidade abstrata que constitui um elemento permanente do sistema linguístico”. Já no discurso, os lexemas “podem manifestar-se em formas fixas, podendo, porém, assumir formas variáveis”. Sendo assim, Biderman complementa:

Em meio às unidades fraseológicas, as expressões idiomáticas são expressões semanticamente opacas cujo significado não depende do sentido de cada um dos seus componentes. Por outro lado, colocações são sequências semanticamente transparentes, formadas de itens lexicais que geralmente co-ocorrem. Exemplos [...] custo astronômico, [...], pressão atmosférica [...]. As UFs possuem graus diversos de idiomaticidade e de cristalização. Assim, as lexias complexas dona de casa, fim-de-semana, jogo de cintura, [...] têm maior grau de lexicalização do que centro de alta pressão, jogo de cartas, [...], tecnologia de ponta (BIDERMAN, 1998, p. 95).

Dirk (2006, p. 13) conclui que essa tendência lexicalista incorpora a recuperação do léxico como elemento estrutural relevante, desenvolvendo modelos de rede de estrutura gramatical além de incorporar a tendência discursiva da linguística contemporânea por insistir explicitamente na natureza linguística baseada no uso. Sendo o uso o foco da linguística cognitiva, é fundamental que tanto o significado quanto significante (aspectos relevantes que fazem parte do léxico) sejam precisamente estudados.

4.2 METÁFORA E METONÍMIA

Embora costumemos associar metonímias e metáforas a uma linguagem figurativa típica da literatura, em particular da poesia, esses recursos linguísticos não são exclusivos desse mundo, pelo contrário, estão presentes no nosso cotidiano. Seu uso aumenta nossa capacidade expressiva e comunicativa, indo além da dimensão denotativa da linguagem. Como é objetivo dessa dissertação abordar o papel da metáfora e da metonímia na consolidação e convencionalização de expressões idiomáticas no português brasileiro, em especial algumas advindas de registros bíblicos, usarei algumas das contribuições da linguística cognitiva para analisar um grupo de UFs.

Para a linguística cognitiva, metáfora e metonímia devem ser entendidas como um mecanismo cognitivo que é usado para processar informações abstratas com base nas mais concretas, nos conceitos simples e familiares (CUENCA; HILFERTY, 1999). Estes estão presentes em nosso cotidiano de forma convencionalizada na linguagem, como Lakoff e Johnson já haviam apontado em seus trabalhos desde a década de 80. Isso significa que não são apenas mecanismos retóricos utilizados na literatura, como costumam querer ver, mas “fenômenos verdadeiramente conceituais que constituem modelos cognitivos importantes” (SILVA, 1997, p. 12).

Partindo desse pressuposto, esta pesquisa tentará compreender como a metáfora, a metonímia e, também, a metaftonímia atuam como processos cognitivos básicos nas expressões idiomática, que são objetos de análise, e para isso é preciso entender o uso desses processos cognitivos a fim de identificá-los como um recurso fundamental para instanciação de sentidos – considerando, portanto, as diferentes formas de significar,³ trazendo singulares efeitos de sentido ao falante/ouvinte, resultantes de processos metafóricos/metonímicos.

De acordo com Silvana Calixto (2009), os quatro princípios norteadores da Semântica Cognitiva estão na base das várias teorias desenvolvidas no interior dessa perspectiva, entre as quais se destacam a Teoria de Esquemas de Imagens (JOHNSON, 1987), a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987), a Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980), a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1985) e a Teoria do *Blending* (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Neste trabalho, focaremos em relacionar a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI) com a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC).

Em 1987, George Lakoff firma a tese de que o conhecimento é organizado por meio de estruturas, as quais denomina de Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), defendendo, ainda, que a estrutura de categorias e os efeitos prototípicos resultam dessa organização. Assim sendo, Lakoff (1987, p. 68) postula que “cada MCI é um todo estruturado complexo, uma gestalt”, em que concorrem, respectivamente, quatro tipos de princípios estruturadores: i) estrutura proposicional; ii) estrutura de esquemas de imagens; iii) mapeamentos metafóricos; e iv) mapeamentos metonímicos. Neste trabalho, iremos tratar focar na relação entre os dois últimos princípios.

³ “Forma de significar”, neste trabalho, diz de uma estrutura particular/idiomática de língua cuja manifestação se dá na comunicação (oral e/ou escrita).

Como núcleo teórico da Semântica Cognitiva, os MCIs são essenciais como uma teoria que se ocupa em investigar as relações entre experiência, sistema conceptual e estrutura semântica codificada pela língua. De forma mais específica, essas investigações concentram-se na representação do conhecimento (estrutura conceptual) e na construção do significado (conceptualização).

Lakoff (1987) incorpora as evoluções desse modelo teórico que se configuram a partir do final da década de 1970, quando Rosch põe, em segundo plano, as interpretações dos efeitos prototípicos em termos de interpretação da estrutura da categoria e de representação das categorias. Sendo assim, a Semântica Cognitiva, experiencialista, proposta por Lakoff (1987), tem base prototípica, já que o autor defende que “os protótipos fazem uma grande porção do trabalho efetivo da mente e têm um amplo uso em processos racionais” (LAKOFF, 1987, p. 145. A categorização só se viabiliza por meio de MCIs, embora, como o autor próprio afirma, seja preciso ficar claro que

Os modelos cognitivos não são representações internas da realidade externa. Não são por duas razões: primeiro porque eles são entendidos em termos de corporeidade, não em termos de uma conexão direta com o mundo externo; e, segundo, porque eles incluem aspectos imaginativos da cognição, como metáfora e metonímia (LAKOFF, 1987, p. 341).

Os estudos sobre as metáforas são importantes para compreendermos diferentes representações do mundo e das pessoas. Koch explica que

O homem representa mentalmente o mundo que o cerca de uma maneira específica e que, nessas estruturas da mente, se desenrolam determinados processos de tratamento, que possibilitam atividades cognitivas bastante complexas. Isto porque o conhecimento não consiste apenas em uma coleção estática de conteúdos de experiência, mas também em habilidades para operar sobre tais conteúdos e utilizá-los na interação social (KOCH, 2003, p. 37).

Dito isso, é inegável também sua relevância para a referência semântica e sua importância para o uso da língua. Porém, temos que abordar esses conceitos também por meio da representação mental, que será o foco deste trabalho. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza. Assim, metáforas e metonímias estão na base de como percebemos, da maneira como nos comportamos no mundo e do modo como nos relacionamos com outras pessoas.

Se, para Lakoff e Johnson (2002), o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora, e se considerarmos que, por *metáfora*, estamos nos referindo a um *artifício de significação*, logo, podemos afirmar que a maior parte do nosso pensamento relacionado com o mundo é uma *questão de semântica*.

As metáforas trabalhadas neste estudo serão tomadas com base em três tipos de metáforas apresentadas por Lakoff e Johnson (1980), são elas: metáforas conceituais, metáforas orientacionais e metáforas ontológicas.

Para Lakoff e Johnson (2002), a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. A respeito dessas metáforas estruturais, ele afirma que, apesar dos termos serem diferentes, um deles é parcialmente estruturado, compreendido, realizado e tratado em termos de outro. Tanto o conceito e a atividade quanto a linguagem são metaforicamente estruturados. Por isso, as expressões metafóricas na linguagem cotidiana podem iluminar a natureza metafórica dos conceitos que estruturam nossas atividades cotidianas.

Logo, ao analisarmos a expressão bíblica “o pão de cada dia”, percebemos que há uma conceptualização da expressão por algo que sustenta o indivíduo – seja do ponto de vista financeiro, seja do ponto de vista alimentar. Sendo assim, a partir dessa expressão, pode-se dizer que a metáfora conceptual ALIMENTO É SUBSISTÊNCIA se instaura cognitivamente no ato de falar. Têm-se, então, um exemplo de metáfora estrutural.

Charteris-Black (2007) postula uma forma de análise para as metáforas conceituais e que assumiremos para analisar cada expressão idiomática nos capítulos seguintes. O autor, então, divide a classificação em: chave conceptual: relaciona semanticamente duas metáforas; metáfora conceptual: relaciona semanticamente a formação de novas metáforas; e metáfora: expressão idiomática em si.

Além das metáforas conceituais, Lakoff e Johnson (2002) citam as metáforas orientacionais as quais organizam um sistema de conceitos em relação a um outro. Esses tipos de metáforas não são arbitrários. Eles têm uma base na nossa experiência física e cultural. Assim, ao dizermos “bola pra frente”, partindo do conceito metafórico “o futuro é para frente”, estamos não somente levando em conta a espacialização relacionada ao termo “frente”, mas também que nesse contexto *frente* estabelece uma relação com a temporalidade que é marcada culturalmente, haja vista que, em algumas outras culturas, o futuro não é para frente e, nesse caso, metáforas do tipo “bola para frente” não faria sentido.

Algumas terminologias são necessárias para compreendermos melhor o uso das metáforas presentes neste estudo. Sendo assim, segundo Cançado (2008, p. 97), “o ponto de chegada ou o conceito descrito é conhecido, geralmente, como o *domínio alvo*” e “o conceito comparado, ou a analogia é conhecida como o *domínio fonte*”. Por exemplo, em “bola pra frente”, a orientação “pra frente” é o domínio fonte, enquanto que o “futuro” é o domínio-alvo.

As metáforas nos permitem entender um domínio de experiência em termos de outro. Para existir essa função, devem existir alguns tipos de conceitos básicos, alguns tipos de conceito que não são entendidos de uma maneira totalmente metafórica, para servirem de domínio de fonte. (LAKOFF e TURNER, 1989, p. 135)

De acordo com os autores, “os valores” que “estão profundamente enraizados em nossa cultura são compatíveis com nosso sistema metafórico”. Em seu outro livro, Lakoff complementa:

Os indivíduos, como os grupos, fixam prioridades diversas e definem o que é bom ou virtuoso para eles de diferentes maneiras. Nesse sentido, eles são subgrupos de um grupo. Com relação ao que é importante para eles, seus sistemas de valores individuais são coerentes com as principais metáforas orientacionais da cultura dominante (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 74).

Desse modo, as metáforas orientacionais existem em todas as culturas, mas a predominância de uma sobre a outra depende dos valores individuais de cada cultura sob a perspectiva de relevância que certo grupo dá sobre os termos.

Já as metáforas ontológicas permitem que possamos compreender nossas experiências em termos de objetos e substâncias”. Sendo assim, quando dizemos “a inflação me deixa doente”, concebemos a inflação como uma entidade, o que “permite referir-nos a ela, quantificá-la, identificar um aspecto particular dela, vê-la como uma causa, agir em relação a ela, e talvez, até mesmo, acreditar que nós a compreendemos” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 77).

Algumas *metáforas ontológicas* que funcionam como *recipientes* são baseadas na nossa percepção “dentro-fora” que conceptualizamos⁴ um termo para referirmos a ele como algo passível a ser colocado em um recipiente. Dessa forma, podemos tanto dizer que a pessoa “entra

⁴ Conceptualizar “1. ação/ação de formar conceitos; 2. ação/ação de organizar em conceitos” (Dicionário da Língua Portuguesa 2003, Porto Editora). Neste trabalho, ao se tratar de metáfora e metonímia, estarei utilizando a palavra “conceptualizar” levando em conta que são processos que não somente trabalham com conceitos, mas com a concepção de informações cognitivamente.

em uma banheira” quanto que ela “entra na água”. Sendo assim, “água” está sendo conceptualizada metonimicamente como o recipiente representado pela banheira. Até mesmo o “campo de visão” é naturalmente conceptualizado como recipiente ao dizermos “você está fora de vista”, “Ele está ao alcance da minha visão”

Além disso, eventos, ações, atividades e estados podem ser compreendidas com uso das metáforas ontológicas. Os eventos são vistos como tendo um início, meio e/ou fim: “o fim da corrida foi muito empolgante”: “fim” visto como um evento objeto dentro de “corrida” que é um objeto qualificável. Os autores acrescentam também que atividades de modo geral são vistas metaforicamente como SUBSTÂNCIAS e, conseqüentemente, como RECIPIENTES (LAKOFF; JOHNSSON, 2002, p. 82) Por exemplo: “*Quanta lavagem de janela você fez?*”, “Lavagem de janela” vista como objeto, logo, podemos quantificá-la. Quando essas atividades/ações são percebidas como objetos/recipientes, podemos agregar metáforas que podem ser vistas como estando dentro delas ou saindo delas. “*Eu coloco muita energia na lavagem de janelas*”; “eu retiro muita satisfação da lavagem de janelas”. Muitos estados podem ser conceptualizados como recipientes, como: “ele caiu em depressão”, depressão é um estado metaforizado como objeto em que alguém pode entrar e sair.

Sendo assim, as metáforas são consideradas estruturas conceptuais que fazem parte da nossa linguagem ordinária. Lyons, no volume 2 de *Semantics*, afirma que:

A parte semântica das definições tradicionais da parte do discurso pressupõe a possibilidade de identificar entidades, propriedades, ações, relações, etc., independentemente da forma como estas são referidas ou denotadas em determinadas línguas, pressupõem a aceitação de alguma estrutura ontológica neutra⁵ (LYONS, 1977, p. 440) (tradução minha).

Metáfora e metonímia são processos de natureza diferente. A metáfora, por um lado, é principalmente um modo de conceber uma coisa em termos de outra, e sua função primordial é a compreensão. A metonímia, por outro lado, tem principalmente uma função referencial, isto é, permite-nos usar uma entidade para representar outra. Mas metonímia não é meramente um recurso referencial. Ela também tem a função de propiciar o entendimento, por usar uma entidade para nos referirmos à outra que é relacionada a ela. Ao dizermos “Ganhei um *coração* novo” (fui restaurado), “você tem um coração de pedra” (você é insensível), “Ele tem um coração mole” (ele

é sensível), estamos conceptualizando a palavra coração como uma parte do que ele representa que é a pessoa por completo. Chamamos essa metonímia de PARTE PELO TODO.

Há muitas partes que podem representar o todo, mas a parte selecionada determina que aspectos do todo estamos enfatizando. Não é somente uma entidade representando outra, como “coração” representando a “pessoa”, mas também representando os aspectos da pessoa (do todo), pois o coração é onde, culturalmente, guardamos as emoções e os sentimentos. Ou seja, a metonímia se assemelha à metáfora, mas ela nos permite focalizar alguns aspectos da entidade referida. O autor explica que, no geral, um modelo metonímico pode ser caracterizado da seguinte forma:

Há um conceito “alvo” **A** a ser compreendido para algum propósito, em algum contexto; – Há uma estrutura conceitual contendo tanto **A** como um outro conceito **B**; – **B** ou é parte de **A** ou está intimamente associado com ele nessa estrutura conceitual. Tipicamente, a escolha de **B** determinará especificamente **A**, dentro dessa estrutura conceitual; – Comparado com **A**, **B** é ou mais fácil de compreender, ou mais fácil de lembrar, ou mais fácil de reconhecer, ou mais imediatamente utilizável para um dado propósito num determinado contexto; – Um modelo metonímico é um modelo de como **A** e **B** estão relacionados numa estrutura conceptual; a relação é especificada por uma função de **B** para **A**. (LAKOFF, 1987, p. 84).

4.2 METAFTONÍMIA

Fica cada vez mais pacificada a ideia, entre estudiosos cognitivistas (GOOSSENS 1990; DIRVEN; PÖRINGS 2002), que metáfora e metonímia são fenômenos contínuos e contíguos. Indo além disso, certos autores defendem a ideia de que, na base de cada metáfora, existe uma metonímia conceitual. Daí surge o conceito de metaftonímia.

Para José Texeira (2012),

Basta olhar para o campo das emoções para podermos verificar como várias metáforas das emoções se alicerçam em metonímias da fisiologia da percepção humana. Repare -se na célebre metáfora que inicia um dos mais célebres sonetos de Camões: AMOR É FOGO [5]. A associação entre os sentimentos intensos como a paixão/amor e o aumento dos batimentos cardíacos, o aumento da circulação sanguínea e necessariamente o aumento da temperatura corporal são

⁵ *The semantic part of the traditional definitions of the parts-of-speech presupposes the possibility of identifying entities, properties, actions, relations, etc., independently of the way in which these are referred to or denoted in particular languages;: it presupposes the acceptance of some neutral ontological framework.*

experiências comuns nos seres humanos: umas realidades estão indissociavelmente ligadas às outras por relações causais sensorialmente experienciadas. São, portanto, e nitidamente, associações metonímicas. No entanto, para se expressar a dimensão extrema da metonímia da temperatura, podemos associá-la à experiência de um outro domínio, o do fogo, com o qual estabelece os pontos de contactos necessários para uma identificação cognitiva. E assim AMOR > AUMENTO DE TEMPERATURA CORPORAL > FOGO sintetiza-se em AMOR É FOGO (TEIXEIRA, 2012, p. 170).

Assim como todas metonímias, o entendimento das metaftonímias é propiciado devido à necessidade de reter alguma informação semântica nessa troca de entidades por outras. Como, por exemplo, a metonímia (ou metaftonímia) OBJETO PELO USUÁRIO em: “A mentira tem perna curta”, em que não somente se troca a entidade “pessoa” por “mentira”, mas também há a presença da metáfora “ter perna curta” – metáfora esta que se relaciona não somente com o espaço (quem tem perna curta não consegue correr para muito longe), mas vai além, esse espaço está relacionado com o tempo (correr no sentido temporal). Logo, “mentira tem perna curta” significa que “a mentira dura pouco tempo”. Dessa forma, por mais que cognitivamente relacionamos o objeto “mentira” pelo usuário “mentiroso”, nesta metaftonímia a metáfora é mais salientada que a metonímia, pois podemos dizer que “o mentiroso tem perna curta”, mas não podemos dizer que “o mentiroso dura pouco tempo”.

Há de se distinguir aqui que a metonímia do OBJETO PELO USUÁRIO não pode ser confundida com a metáfora da personificação, pois não estamos atribuindo à “mentira” qualidades humanas, já que não estamos literalmente dizendo que ela tem perna curta. Ou seja, nesse caso, a metaftonímia se estabelece pelo uso da metáfora em que “ter perna curta” faz com que surja a metonímia “mentira por pessoa”. Sendo assim, um só se estabelece com o auxílio do outro e essa coexistência será tratada mais adiante.

De acordo com Lakoff, o exemplo acima não é aleatório, ele exemplifica que “assim como as metáforas, os conceitos metonímicos estruturam não somente nossa linguagem, mas também nossos pensamentos, atitudes e ações e, também, baseiam-se na nossa experiência”. Dessa forma, nós atacamos o objeto no lugar da pessoa para não ferir a pessoa em si. Fazemos isso, porque as regras morais moldadas culturalmente nos fazem refletir que a “mentira” é ruim e, por isso, não vai muito longe (interligando assim com a metáfora VIDA É UMA VIAGEM), pois, a verdade pode ir longe (no sentido de chegar em algum lugar), mas a mentira não.

Sendo assim, as expressões idiomáticas têm uma construção sistemática de conceitos definidos metaforicamente. Esses conceitos são entendidos em termos de uma ou duas metáforas, (por exemplo: “ter perna curta” pode ser uma personificação, caso não se relacione com uma metonímia “mentira-pessoa”, e pode ser a metáfora VIDA É UMA VIAGEM).

O autor complementa que “uma vez que os conceitos são estruturados metaforicamente, de forma sistemática” (VIDA É UMA VIAGEM) “é possível usar expressões” (“ter perna curta” – “ir longe”) “de um determinado domínio” (VIAGEM) “para falar de conceitos correspondentes no domínio definido metaforicamente” (VIDA). A forma como a metonímia “mentira-pessoa” é estabelecida dependerá dos detalhes de como o conceito metafórico VIDA É VIAGEM for usado para estruturar o conceito de VIDA, pois, para algumas pessoas e/ou em determinadas situações, mentir não seria somente bom como necessário também. Assim como para outras e/ou determinados contextos, mentir é algo ruim, dependendo da influência moralista cultural e/ou religiosa.

De acordo com Lakoff e Johnson (1980, p. 98):

Os sistemas conceptuais de culturas e religiões são metafóricos por natureza. As metonímias simbólicas são elos cruciais entre a experiência do cotidiano e os sistemas metafóricos coerentes que caracterizam as religiões e as culturas. As metonímias simbólicas, que são fundamentadas em nossas experiências físicas, fornecem um recurso essencial para compreender os conceitos religiosos e culturais.

Dessa forma, o autor inclui a religião como aspecto bastante influenciador no sistema conceptual metafórico, de modo que a metáfora “dar/jogar pérolas aos porcos”, por exemplo, está inserida em um contexto em que o porco é visto religiosa e culturalmente como um animal impuro e sujo. Por isso, a metáfora do tipo “você é um porco” surge. Se analisarmos que a expressão “pérolas” representa metonimicamente como “algo importante” e que a expressão “porcos” seria algo “insignificante”, parece ser certo afirmar que essa metaftonímia se constrói com base na relação coexistente entre metáfora e metonímia.

Segundo Lakoff e Johnson (1980), a metáfora, por si só, já possui um mecanismo de coerência em sua estrutura. Por exemplo, se pegarmos a metáfora VIDA É VIAGEM, partindo do pressuposto de que ela tem um início, ela segue de forma linear e pode progredir em estágios em direção a algo: VIAGEM DEFINE UM CAMINHO.

- (1) A sua passagem é com *destino* para qual lugar?
- (2) Siga nesta *direção*
- (3) Ela se *perdeu* pelo *caminho*

Se incluirmos VIDA a essa metáfora, teremos: VIDA DEFINE UM CAMINHO

- (4) Ele anda *sem rumo/sem destino* (ele não tem objetivos)
- (5) *Cheguei a um ponto* crítico da minha vida (estou em uma situação crítica atualmente)
- (6) Estou *perdido* na vida (estou sem saber o que fazer da vida)

Por sua vez, se focalizamos o percurso, a metáfora evocada é: CAMINHO DE UMA VIAGEM É UMA SUPERFÍCIE

- (7) *Siga* esta trilha
- (8) O *lado* certo da trilha é aquele ali
- (9) A trilha está para *frente* e não para *trás*

Se juntarmos as metáforas, teremos: CAMINHO DA VIDA É UMA SUPERFÍCIE

- (10) Não sei o *caminho* que devo seguir | não sei para que *lado devo ir* (não sei o que fazer da vida)
- (11) *Siga em frente* sem olhar para *trás* (esqueça o passado e pense sobre seu futuro)

A sistematização dela se dá devido a essas implicações metafóricas supramencionadas. O autor complementa que “as implicações metafóricas caracterizam a sistematicidade interna da metáfora, isto é, dão coerência a todos os exemplos dessa metáfora. Da mesma forma, podemos pensar na metonímia e nas suas funções referenciais em que as implicações se dão por meio da representação em que cada termo possui em sua devida categoria conceptual.

Radden (2003) propõe, então, que as noções de literal, metonímico e metafórico sejam vistas como potencialmente localizadas ao longo de um *continuum*, admitindo que esse *continuum* literal-metonímico-metafórico já foi sugerido por Taylor (2003). A formulação do

autor é ilustrada no quadro 3, em que se apresentam diferentes usos do adjetivo *alto* que demonstram sua gradual transição do sentido literal ao metafórico, via diferentes estágios metonímicos.

Quadro 3 – Continuum literal-metonímico-metafórico

Literal	Metonímico		Metafórico	
(a) <i>torre alta</i>	(b) <i>maré alta</i>	(c) <i>temperatura alta</i>	(d) <i>preços altos</i>	(e) <i>qualidade alta</i>

Fonte: adaptada de Radden (2003, p. 409).

Na perspectiva do *continuum* literal-metonímico-metafórico, o autor explica os diferentes usos desse adjetivo: no primeiro exemplo, *alto* é usado literalmente, em referência somente à verticalidade; no segundo, *alto* é “parcialmente, ou fracamente, metonímico, uma vez que se refere às extensões vertical e horizontal, i.e., a metonímia envolvida é ACIMA POR ACIMA E MAIS”. Já no terceiro exemplo, *alta* é “totalmente metonímico, de vez que ocorre a substituição de uma entidade dentro do mesmo domínio conceitual: a escala da verticalidade representa o grau da temperatura, i.e., ACIMA POR MAIS” (RADDEN, 2003, p. 409-410).

Essa situação metonímica pode ser vista como EFEITO PELA CAUSA: “a temperatura morna faz o termômetro subir. *Em preços altos* oscila entre uma leitura metonímica e uma leitura metafórica”. Algumas pessoas podem associar *preços altos* ou *preços em ascensão* com uma linha em ascensão em um gráfico como os que são usados nos relatórios das bolsas de valores. “A representação gráfica de um preço pertence ao mesmo domínio conceitual do preço em si mesmo, mas é uma faceta diferente dele. Esse entendimento metonímico pode ser descrito como COISA POR SUA REPRESENTAÇÃO”. O autor complementa:

Outras pessoas podem associar um preço alto com a quantia de dinheiro que uma venda pode custar. Nesse caso, elas podem ver “alta” (de um preço) e ‘quantidade’ (de dinheiro) como parte do mesmo domínio conceitual e entender *preços altos* metonimicamente como ACIMA POR MAIS, ou podem vê-las como pertencentes a domínios diferentes, compreendendo *preços altos* metaforicamente como MAIS É ACIMA. *Alto*, em (e), *alta qualidade*, refere-se a uma escala de avaliação, a extremidade mais alta do que é “bom”. Não podemos facilmente pensar em avaliação e verticalidade como parte do mesmo domínio conceitual, portanto, essa situação é puramente vista metaforicamente como BOM É PARA CIMA. (RADDEN, 2003, p. 409-410).

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, a análise se dará de forma a categorizar cada expressão idiomática quanto à sua posição fraseológica, composicional, esquemática (quanto aos *frames*), lexical e idiomática. Além disso, a pesquisa irá propor um tipo de recategorização traçando semelhanças entre metáfora e metonímia no domínio idiomático em que certas expressões analisadas estão.

Para traçar o caminho a qual se desenvolve esta pesquisa, foi realizado primeiramente uma pesquisa de caso de modo informal com alguns familiares e colegas. Foram analisados alguns documentos bíblicos e *sites* de redes sociais que continham publicações das quais se utilizavam as metáforas e metonímias mencionadas na pesquisa.

5.1 MÉTODO

O método utilizado é hipotético-dedutivo, pois foram formuladas hipóteses concernentes a explicação de uma recategorização dos fraseologismos quanto à sua idiomaticidade. A proximidade presente entre metáfora e metonímia foi o principal objeto deste estudo, a fim de traçar um parâmetro que pudesse explicar:

- a) A presença e importância de um processo cognitivo (formado no discurso), que gera expressões idiomáticas instanciadas pela metáfora e metonímia;
- b) Como essa instanciação possui traços religiosos mesmo que indiretamente no subconsciente coletivo por meio da tradição religiosa e cultural.

A aplicação do método foi por meio da testagem das hipóteses utilizando a mesma sequência temática utilizada no referencial teórico, ou seja, o *corpus* foi analisado como fraseologismo, composicionalidade, esquemas e *frames* dentro do campo lexical e logo após foram recategorizados no processo metaftonímico.

5.2 DEFINIÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* é definido por: 1) expressões retiradas diretamente da *Bíblia TEB*; 2) expressões idiomáticas oriundas da *Bíblia*; e 3) expressões que não estão presentes na *Bíblia*, mas possuem

traços religiosos. São ao todo 35 expressões que estão presentes no discurso brasileiro e que possuem uma ligação com a *Bíblia* em certo nível cognitivo.

O número de expressões escolhidas serviram de dados para as categorias analíticas da Fraseologia, Composicionalidade Semântica, Campo Lexical e Metaftonímia. Afinal, por ser uma pesquisa qualitativa, o objetivo aqui é descrever cada categoria e poder suportar a hipótese da recategorização da metaftonímia presente nas expressões, ou seja, a quantificação das expressões não é tão relevante para o estudo em questão.

Vale ressaltar que a natureza do *corpus* é teórica, pois busca-se apenas constatar dados para as categorias analíticas. O *corpus* segue uma linha textual-discursiva, pois se faz presente em grande parte nas escrituras e no discurso popular de uso coloquial formal e informal.

6 ANÁLISE DO CORPUS

Antes que seja apresentado formalmente as características de cada expressão, deve-se ter em mente que a *Bíblia* é um dos livros impressos mais antigo do mundo e seu aumento na difusão nos últimos séculos foi significativo. Sendo assim, algumas expressões aqui analisadas não são total e diretamente ligadas com a *Bíblia*, mas possuem certo grau de elo moralmente moldado pela religião e que está implícito em sua composição, como “Deus ajuda quem cedo madruga”, em que não há fortes indícios dessa afirmação na *Bíblia*, mas que, na maioria dos cultos teístas, pregam que a devoção divina deve ser realizada antes do amanhecer. Isso é fortemente notado em Salmos 63:1 "Ó Deus, tu és o meu Deus, de madrugada te buscarei; a minha alma tem sede de ti; a minha carne te deseja muito em uma terra seca e cansada, onde não há água". Além disso, não somente a religião, mas a ciência comprova também que quem dorme muito tarde prejudica seu rendimento no dia seguinte.

Inicialmente, serão objetos de análise as unidades do discurso repetido, chamadas UFs (unidades fraseológicas). A análise inicial se dará pela categorização dessas UFs a fim de caracterizar primeiramente a sua posição quanto às classificações fraseológicas inseridas nos parâmetros da Fraseologia.

Saussure nos dá uma noção quanto aos fraseologismos afirmando se desenvolverem pela tradição. Bally concorda acrescentando que, ao serem repetidas tantas vezes, eles apresentem certa fixidez e se tornam estáveis. Zuluaga postula que essa fixação é arbitrária, pois elas possuem essa forma devido a se repetirem várias vezes pelos falantes. Ou seja, todos esses autores esclarecem que os aspectos extralinguísticos são fundamentais para institucionalização dos fraseologismos, especificamente das expressões idiomáticas. Já para Tagnin (1989, p. 45), as expressões apresentam diferentes graus de idiomaticidade. Os graus são analisados em menor ou maior de acordo com a aproximação do significado da expressão com a somatória do significado dos componentes. Ou seja, quando se consegue deduzir o significado idiomático a partir dos componentes individuais, menor será o seu grau de idiomaticidade, e vice-versa. Isso porque foram necessárias poucas características idiomáticas para compor tal expressão. Sendo assim, quanto à idiomaticidade, têm-se as seguintes expressões em análise

Quadro 4 Expressões Idiomáticas.

Expressões idiomáticas	Menor grau	Maior grau
“Olho por olho, dente por dente”		x
“Dar a outra face”		x
“Nada de novo sob o sol”		x
“Lavar as mãos”		x
“Venha a nós o vosso Reino”		x
“Seja feito a vossa vontade”	x	
“O pão de cada dia”	x	
“Bem-aventurado”		x
“Mudar da água para o vinho”		x
“Deus ajuda quem cedo madruga”	x	
“Os humilhados serão exaltados”	x	
“Os últimos serão os primeiros”		x
“Pegar para Cristo”		x
“Que haja luz!”	x	
“Cego guiando outro cego”		x
“Dar a Cesar o que é de Cesar”		x
“Fazer o bem sem olhar a quem”	x	
“A mentira tem perna curta”		x
“Quem vê cara não vê coração”		x
“Nem só de pão vive o homem”		x
“Colher o que planta”		x
“Do pó viemos do pó retornaremos”		x
“A fé move montanhas”		x
“Coração de pedra”		x
“Como veio ao mundo”	x	
“Menina dos olhos”		x
“Num piscar de olhos”		x
“Jogar pérolas aos porcos”		x
“Atirar a primeira pedra”		x
“A carne é fraca”		x
“Deus te pague”		x
“Deus é mais”		x
“Nossa Senhora!”		x
“Vá com Deus”	x	

Em "seja feito a vossa vontade" (usado às vezes ironicamente para se dizer que você irá fazer o que se pede, mesmo discordando do pedido), nota-se que há menor grau de idiomaticidade perante aos demais devido ao fato de que, por mais que a palavra "vossa" seja segunda pessoa do plural (usado na *Bíblia* para se referir à Santíssima Trindade), essa expressão continua sendo usada atualmente com a permanência dessa palavra mesmo se referindo à segunda pessoa do singular. Mas, ainda assim, mesmo sendo uma expressão idiomática, sua idiomaticidade está em menor grau, pois seu significado geral pode-se deduzir a partir dos seus componentes "sua vontade será feita".

Assim como em "o pão de cada dia", o pão nada mais é do que o principal alimento daquela época em que foi pronunciado pela primeira vez a oração do "Pai Nosso". Porém, é somente com a junção de seus próximos componentes sintáticos que há o entendimento de toda a expressão, que significa "dai-nos apenas o necessário de cada dia, nada mais". A mesma palavra "pão" é utilizada em "nem só de pão vive o homem" com o significado de "bem material" (ou até mesmo algo desnecessário). Ou seja, duas expressões com a mesma palavra, mas possuem significados diferentes.

Diferentemente, as expressões: "lavar as mãos" (isentar de qualquer culpa ou prejuízo que possa acontecer por sua responsabilidade); "dar a outra face" (responder a violência sem o uso da vingança), entre outros, possuem maior grau de idiomaticidade pela não percepção do seu significado após a somatória de seus componentes sintáticos.

As expressões de maior grau anteriormente analisadas por sua idiomaticidade possuem uma opacidade semântica alta enquanto as de menor grau de idiomaticidade são mais transparentes semanticamente. Além disso, nota-se que, quanto maior o grau de idiomaticidade, mais próxima a expressão fica da Hipótese Fraca da Composicionalidade, ou seja, percebe-se que seus constituintes não dão conta inteiramente de toda parte semântica da expressão. Vale ressaltar que todas expressões aqui analisadas são composicionais, algumas apenas possuem uma composicionalidade mais forte que as outras (como é o caso das expressões de menor grau de idiomaticidade).

As EIs de maior grau de idiomaticidade possuem maior probabilidade de possuírem variantes dentro de uma língua. Por exemplo: "você colhe o que planta" tem uma variante "você colhe o que semeia". Isso condiz com os princípios básicos das variantes Fraseológicas de Corpas Pastor (1996, p. 28), pois estão numa mesma língua funcional; ambas com mesmo significado; e

são livres para usar qualquer sinônimo em seus respectivos substantivos, pois continuarão com o mesmo significado em qualquer contexto usado. Se pegarmos o exemplo da expressão "olho por olho, dente por dente" e olharmos nós seguintes versículos bíblicos:

Mas, se houver dano grave, então, darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe (Êxodo 21:23-25)

Nota-se que a própria *Bíblia* menciona outras variantes da mesma expressão e com os mesmos princípios de Corpas Pastor (1996, p. 28). Nesses dois exemplos de variantes, percebe-se que se enquadram no primeiro tipo de variante mencionado pela autora, no qual há a permanência de, no mínimo, um componente lexical, como vemos a seguir:

1-

"Você recebe o que faz"

"Você colhe o que planta"

"Você ceifa o que semeia"

2-

"Olho por olho"

"Dente por dente"

"Vida por vida"

"Mão por mão "

"Pé por pé"

"Queimadura por queimadura"

"Ferimento por ferimento"

"Golpe por golpe "

Já expressões do tipo "ir desta para melhor" e "estar nos braços do Pai" são expressões em que não há semelhança lexical, mas, ainda sim, são variantes idiomáticas por possuírem o mesmo significado.

Vale lembrar sobre as classificações de Corpas Pastor (1996) nas quais se incluem 1) colocações; 2) locuções; e 3) enunciados fraseológicos, como podemos ver na análise a seguir:

Quadro 5 Classificações das UFs

Colocações	Locuções	Enunciados fraseológicos
"Bem-aventurado"	"Dar a outra face"	"Olho por olho, dente por dente"
"Que haja luz!"	"Lavar as mãos "	"Nada de novo sob o sol"
"Coração de pedra"	"Mudar da água para o vinho"	"Querer o Venha a nós, o vosso Reino nada"
"Menina dos olhos"	"Pegar para Cristo"	"Seja feito a Vossa vontade "
"Nossa Senhora"	"Dar a César o que é de César"	"O pão de cada dia"
	"Fazer o bem sem olhar a quem"	"Deus ajuda quem cedo madruga "
	"Colher o que planta"	"Os humilhados serão exaltados "
	"Jogar pérolas aos porcos"	"Os últimos serão os primeiros"
	"Atirar a primeira pedra"	"Cego guiando um cego"
		"A mentira tem perna curta"
		"Quem vê cara não vê coração "
		"Nem só de pão vive o homem"
		"Do pó viemos do pó retornaremos"
		"Deus te pague"
		"Deus é mais"
		"Deus te abençoe"
		"Vá com Deus"

Os enunciados fraseológicos, no segundo capítulo, dividem-se em duas categorias: as parêmiás e as fórmulas rotineiras. Estas últimas são divididas em duas subcategorias: a primeira é bastante usada pelos cristãos a fim de saudar ou se despedir de alguém utilizando das crenças religiosas em seu discurso:

“Vá com Deus” (despedida)

“Deus te abençoe” (saudação)

E a segunda é extremamente dependente do contexto discursivo:

"Deus te pague" (pode ser usado tanto num discurso agressivo quanto em forma de agradecimento)

"Deus é mais" (pode ser usado em sentido pejorativo sendo uma variante de "Deus me livre", como também pode ser usado para glorificar o ser divino).

"Nossa Senhora" (pode ser usado como glorificação à Maria, mãe de Jesus, como também pode ser usado no sentido de estar surpreso com algo).

As parêmas, de acordo com Corpas Pastor (1996, p. 275), "servem para convencer, persuadir e instruir o receptor ou para conseguir que ele faça algo ou que atue de uma forma determinada". Essas características são chamadas, na subcategoria das parêmas, de enunciados de valor específico. Sendo assim, inserem-se nesses quesitos as expressões:

"Seja feito a Vossa vontade "

"Deus ajuda quem cedo madruga "

"Venha a nós o vosso Reino"

"Os humilhados serão exaltados "

"Os últimos serão os primeiros"

"A mentira tem perna curta"

Quem vê cara não vê coração "

"Nem só de pão vive o homem"

"Do pó viemos do pó retornaremos"

Outra subcategoria das parêmas são as citações, como em "Que haja luz". Em certo grau, todas UFs aqui em questão possuem um nível de citação, seja direta ou indiretamente da *Bíblia* ou, até mesmo, de particularidades religiosas, como o catecismo e que se manifestam no discurso por orações e pregações.

Desse modo, tratemos, portanto, da terceira e última subcategoria das parêmas os refrões. De acordo com a autora "apresentam uma variedade de recursos fônicos que, junto com as figuras sintáticas ou esquemas próprios das parêmas, cumprem funções mnemotécnicas e estabilizadoras". PASTOR (1996, p. 272). Destacam-se as seguintes UFs dessa subcategoria:

"Deus ajuda quem cedo madruga"

"Os humilhados serão exaltados"

“Do pó viemos do pó retornaremos”

“Fazer o bem sem olhar a quem”

Nota-se que há a possibilidade de uma mesma UF ter várias categorizações que a caracterizam. Por exemplo, “Fazer o bem sem olhar a quem” possui menor grau de idiomaticidade, pois o seu significado está contido na somatória de seus componentes (fazer o bem sem olhar quem está recebendo a ação). Dessa forma, ela se torna semanticamente transparente. Por possuir menor grau, essa UF não possui variantes idiomáticas de semelhança lexical. Ela possui locução verbal, mas é tratada como enunciado fraseológico por possuir características das parêmiias. Possui tanto um valor específico, porque instrui o receptor a fazer o bem a alguém, quanto é considerado um refrão por possuir palavras que utilizam recursos fônicos (como a rima) para combinarem entre si ("bem" e "quem"). Além disso, vale ressaltar que ela é uma citação indireta bíblica:

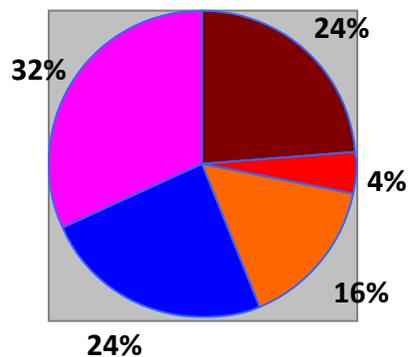
Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus (Mateus 5: 34).

No âmbito das classificações metafóricas, metonímicas e metaftonímicas, as UFs com maior idiomaticidade possuem mais complexidade por sua mescla de várias classificações e, até mesmo, expressões que perpassam entre literal, metonímico e metafórico. A seguir, será apresentado um quadro demonstrativo da classificação metafórica de cada UF:

Quadro 6 Metáforas

METÁFORAS				
Metáforas			Metonímias	Metaftonímias
Metáforas Conceptuais	Metáforas Orientacionais	Metáforas Ontológicas	"Coração de pedra"	"Dar a outra face"
“Bem-aventurado”	“Deus é mais”	“Deus te pague”	"Seja feito a Vossa vontade "	"Menina dos olhos"
“Lavar as mãos ”		“Deus é mais”	"Os humilhados serão exaltados "	"Pegar para Cristo"
"Nossa Senhora"		“Deus te Abençoe”	"Jogar pérolas aos porcos"	"Dar a Cesar o que é de César"
“Deus ajuda quem cedo madruga ”		“Deus te acompanhe/ Vá com Deus”	"Cego guiando um cego"	"O pão de cada dia"
“Colher o que planta”			"Quem vê cara não vê coração "	"Os últimos serão os primeiros"

				"A mentira tem perna curta"
				"Do pó viemos do pó retornaremos"



Como se pode observar, as Metáforas estão presentes em todas UF's analisadas nesta dissertação, pois é importante frisar que metonímias e metaftonímias também são tipos de metáforas. Para analisar as metáforas conceptuais vistas na figura anterior, serão usadas três classificações propostas por Charteris-Black (2007).

As metáforas conceptuais em questão conceptualizam a vida com outro tipo de estrutura cognitiva como na Metáfora: "Bem-aventurado" que possui a chave conceptual VIDA É VIAGEM, que por sua vez, emerge da metáfora conceptual VIDA É VIAGEM DE AVENTURA. Ou seja, "aventura" seria o domínio fonte enquanto "boa vida" seria o domínio alvo, pois, ao dizer que alguém é "bem-aventurado" significa que o mesmo possui (ou que deveria possuir) uma boa vida. Além disso, possui ligação semântica com as bem-aventuranças ditas por Cristo na Bíblia.

Nem todas metáforas conceptuais anteriormente listadas possuem relação conceptual com a estrutura "vida". Percebemos isto na metáfora "Deus ajuda quem cedo madruga", que a chave conceptual SONO É UM BEM VALIOSO, se relaciona com a chave conceptual TEMPO É UM

BEM VALIOSO, que por sua vez, emerge da metáfora conceptual DORMIR CEDO É UM BEM VALIOSO.

Nota-se, no quadro demonstrativo, que a única metáfora orientacional é “Deus é mais” que possui uma conceptualização do ser divino residindo no alto, acima de nós, orientada para cima, no céu. Além disso, esta metáfora pode ser analisada como ontológica também, pois estamos atribuindo ações físicas a uma entidade, ou seja, a entidade se encontra fisicamente acima de nós. Portanto, Metáforas do tipo “acima de mim, só Deus” ou “meu Deus do céu” estão todas orientadas para cima e metáfora ontológica e orientacional do tipo “Deus olha por nós”, conceptualizam Deus, que localizado acima, como um ser físico capaz de ter olhos como seres humanos.

Parece-nos certo, entretanto, afirmar que cognitivamente a conceptualização de Deus como uma entidade que pode ser caracterizada como um ser vivo é algo recorrente no uso de expressões idiomáticas seja por falantes religiosos ou não. Essa ontologia⁶ está presente em muitas UFs oriundas de versículos bíblicos que contêm crenças de que Deus é uma divindade localizada no alto. Sendo assim, expressões do tipo “Nossa Senhora” e “Ave Maria” e suas demais variantes, se enquadram na mesma classificação ontológica de Deus.

Porém, ao estruturar Deus como estando acima no sentido físico e material, podemos formular várias outras expressões metafóricas ontológicas como: “Deus te acompanhe” e “vá com Deus”, pois cabe ressaltar que ao conceptualizar um caminho ou trilha, usamos nossa percepção orientacional, bem como também podemos usar metáforas conceptuais bem conhecidas biblicamente: DEUS É CAMINHO; DEUS É VIDA. A entidade “Deus” seria ontologicamente relacionada a um ser físico e pode-se analisar a expressão em si como um todo conceptual, sendo, portanto, uma metáfora conceptual VIDA É VIAGEM, conceptualizando coisas da vida (como a religião) a uma viagem.

Cabe ressaltar que sabemos da correlação que muitas metáforas fazem entre si e que uma expressão idiomática pode ter duas ou mais classificações postuladas por Lakoff e Johnson (2002). Porém, é imprescindível analisar o caminho lexical traçado cognitivamente para formulação de tais expressões e é para esta finalidade que classificamos cada metáfora.

Como dito anteriormente, a metonímia se assemelha à metáfora por fazer referência a aspectos de uma entidade por outra, mas diferentemente da metáfora, a metonímia focaliza mais

⁶ Ontologia nesta dissertação é relacionada com os conceitos filosóficos dos estudos do ser, da realidade e existência.

em uns aspectos que outros. É um recurso referencial que propicia o entendimento por meio da representação. Dessa forma, das metonímias descritas no quadro, temos: “coração de pedra”; “quem vê cara não vê coração” e “jogar perolas aos porcos”. Essas 3 metonímias possuem uma classificação metonímica em comum: a metonímia PARTE PELO TODO. Ao dizermos que alguém tem um “coração de pedra” estamos nos referindo a uma parte da pessoa pelo que ela representa. Em vários versículos é possível verificar itens lexicais de partes do corpo como representativos do ser em si, como em:

Porque o **coração** deste povo está **endurecido**, E ouviram de mau grado com seus ouvidos, E fecharam seus olhos; para que não vejam com os olhos, E ouçam com os ouvidos, E compreendam com o **coração**, E se convertam, E eu os cure.
Mateus 13:15

Neste versículo há uma explicação e relação da metonímia “coração de pedra” ao dizer que está endurecido. Como o coração é uma parte do corpo humano que culturalmente é visto como o portador de sentimentos e emoções, várias outras metonímias são empregadas caracterizando essa parte como “duro, de pedra, forte, fraco, mole, ” características essas que são físicas e que podem emergir em outras metonímias como “o Senhor pesa o coração” Provérbios 21:2. Ou seja, se o coração possui uma densidade, ele pode ser pesado e medido. Assim acontece também quando se caracteriza o coração como “sensível, puro, impuro, etc.”, que emerge em metonímias do tipo “o coração é mais enganoso que qualquer outra coisa” Jeremias 17:19. Sendo assim, características físicas que o item lexical “coração” recebe pode emergir outras metonímias que se relacionam fisicamente a este item, o mesmo acontece com características abstratas.

Se partes do corpo podem ser referenciados desta forma, então várias partes podem ser configuradas em uma mesma expressão, como em “Quem vê cara não vê coração”. O item lexical “cara” aqui representa a estética e coração representa o interior. Esta metonímia pode estar conectada à metáfora orientacional, pois está atrelada ao sentido dentro-fora que é uma das características desta metáfora, tornando-se assim uma metaftonímia, ao qual iremos tratar brevemente.

Uma metonímia antes já mencionada que relaciona características com uma pessoa ou coisa é metonímia “jogar pérolas aos porcos”, em que, o item lexical “pérolas” possui as características de valor/poder/beleza, ao passo que “porcos” está relacionado a pessoas que não

merecem essa pedra valiosa. Percebe-se que na metonímia “cego guiando um cego”, há a mesma classificação sendo, portanto, uma característica de alguém representando o todo.

Como o maior foco desta dissertação se dá por analisar as metaftonímias, ou seja, a relação entre metáforas e metonímias dentro de uma mesma expressão idiomática, apresentaremos agora a representação de sentido de cada metaftonímia.

Em “dar a outra face”, nota-se que há um contexto literal por trás da expressão. Portanto, devemos retornar à origem desta metaftonímia: (Ressalto aqui que as análises bíblicas a seguir serão comprovadas em um sentido literário e não religioso.)

A quem te bate numa face, apresenta ainda a outra. A quem te toma o manto, não recuses também a tua túnica. Lucas 6:29
Eu vos digo, porém, que não resistais ao mau. Pelo contrário, se alguém te esbofeteia na face direita, vira-lhe também a outra. Mateus 5:39

Neste contexto, no que é conhecido como Sermão da Montanha e é retomado em várias passagens bíblicas, Jesus ensina sobre a moralidade pacífica que seus seguidores deveriam ter uns para com os outros. É um ensinamento sobre defender a honra e propriedade com base nos princípios benevolentes e não de vingança. Por mais que as parábolas pronunciadas por Cristo fossem totalmente metafóricas, ao proferir que devemos oferecer a outra face quando somos atacados, Jesus profere isto com base no que ele supostamente sabia que iria acontecer. Ele não proferiu as parábolas para que pudesse comprová-las somente em sua morte, mas também nos momentos que viriam acontecer em vida. Na literatura bíblica, isto é comprovado nas bem-aventuranças:

- *Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos céus* (Na Bíblia, podemos ver que Jesus paga os impostos como qualquer cidadão e não deseja riquezas deste mundo. Os discípulos percebiam isso em Jesus, mas Judas Iscariotes, um de seus discípulos, foi contra este ensinamento)
- *Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.* (Todas indagações que Jesus recebia dos fariseus contra suas ações foram respondidas com mansidão por Cristo e isto era feito na presença dos discípulos)

- *Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.* (Jesus fez com que os discípulos presenciassem todas suas curas milagrosas para os que o procuraram)
- *Bem-aventurados os que têm fome de justiça, porque serão saciados.* (Cristo mostrou sua justiça quando profetizou a queda do Templo de Jerusalém e anos depois a mesma foi derrubada)
- *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.* (Muitas vezes Cristo mostrou aos discípulos sobre ser misericordioso, como para com Maria Madalena, por exemplo)
- *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.* (No momento da crucificação, Jesus perdoou o ladrão arrependido que estava ao seu lado, dizendo ao condenado que estaria no céu com Cristo.)
- *Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.* (Ainda em vida, Jesus em muitas vezes pregou a promoção da paz e incentivava os discípulos o mesmo)
- *Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o Reino dos céus.* (Somente quando Jesus foi crucificado que se concretiza esta profecia da bem-aventurança)
- *Bem-aventurados sereis, quando, por minha causa, vos insultarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal de vós. Alegrai-vos e exultai, pois é grande nos céus a vossa recompensa.* (Após a morte de Cristo, os próprios discípulos sofreram perseguições)

Sendo assim, o surgimento da expressão “dar a outra face”, notada nos livros de Lucas e Mateus, possui uma literalidade a ser considerada, pois somente depois na prisão de Cristo é que essa profecia se cumpre:

Então Simão Pedro, que trazia uma espada, desembainhou-a e feriu o servo do sumo sacerdote, cuja orelha direita ele cortou; o nome deste servo era Malco. João 18:10

Logo após ter feito isso, Jesus pede para embainhar a espada, fazendo assim alusão ao que já havia ensinado sobre não buscar reagir a qualquer ataque. Sendo assim, a expressão idiomática

“dar a outra face” se configura em um sentido que parte de uma base literal já antes mencionado em versículos bíblicos.

A metonímia notada nesta expressão parte do pressuposto de que o item lexical “face” está relacionado a uma parte do corpo e que esta parte representa toda a pessoa em si. Muitas partes do corpo poderiam ter sido usadas nas parábolas bíblicas, mas a face representa a parte onde se fere um tapa que, naquela época, causava desonra a quem recebia. Por este motivo, a metonímia PARTE PELO TODO se instaura na expressão idiomática “dar a outra face”.

Em muitas versões bíblicas, na passagem é mencionado tanto o lado direito da face quanto o esquerdo. Na Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB) que estamos analisando, há em Lucas 6:29 o item lexical “outra” representando o lado da face e em Mateus 5:39 está escrito diretamente o lado direito da face na primeira oração e o item lexical “outro” na segunda oração. Seja qual for a versão, em ambas passagens bíblicas possuem uma orientação de direita e esquerda que vai de um lado para o outro.

Desta forma, conclui-se que a expressão idiomática “dar a outra face” se configura em uma metaftonímia partindo de uma linha de sentido literal-metonímico-metafórico. Como já foi mencionado anteriormente no capítulo sobre Metaftonímias, essa relação coexiste contínua e contigualmente, pois, cognitivamente, é a metonímia da troca de “face” pela “pessoa” que gera a metáfora orientacional dos lados direito e esquerdo da face.

Outra metaftonímia aqui analisada que possui uma orientação metafórica é “os últimos serão os primeiros”, pois, culturalmente, metáforas que possuem a chave conceptual VIDA É COMPETIÇÃO já são fixas e bem cristalizadas no discurso. A partir desta chave conceptual, a metáfora VIDA É CORRIDA se instaura no discurso, ou seja, em uma corrida, há a participação de competidores que estão em posições numéricas e os últimos dessas posições estão localizados na parte de trás dos primeiros colocados. Dessa forma, percebemos uma concepção cognitiva com as orientações frente e atrás sendo salientadas no discurso, como em:

- “Você vai ficar para trás”
- “Ultrapasse seus limites”

Essas orientações permitem, com auxílio da influência cultural, que o falante as conceptualizem de forma a atribuir aspectos moralmente bons e ruins a quem está localizado em uma das partes da corrida, seja atrás ou na frente. Na Bíblia, podemos ver claramente que desde

aquela época já era fixo culturalmente que estar em primeiro significa algo bom e almejado e estar atrás e por último significa algo ruim. Dessa forma, a expressão pode significar, no contexto de uma corrida, que os que estão por último não pode perder as esperanças e quem está na frente dos outros não se pode vangloriar por isso. Novamente, é uma expressão idiomática/dito popular que busca incitar uma certa moralidade nos valores sociais.

Já em “a menina dos olhos” a configuração metaftonímica se dá a partir da tradução do original do item lexical “menina” que em hebraico *‘iyshown* indica a pupila do olho. Ou seja, em algumas traduções as passagens bíblicas podem aparecer como “menina” ou podem aparecer com a palavra “pupila”. Na TEB, as passagens traduzem “menina” para “pupila” como podemos ver nos seguintes versículos:

- Ele encontra seu povo na terra do deserto nas solidões repletas de urros selvagens: ele o envolve, o instrui, vela sobre ele como a pupila dos seus olhos. Deuteronômio 32:10.
- Guarda-me como a pupila do olho, esconde-me à sombra das tuas asas. Salmo 17:8
- Se queres viver, observa os meus preceitos / e o meu ensinamento, como a pupila dos teus olhos. Provérbios 7:2

Parece-nos provável que esta tradução tenha alguma motivação com a semântica da palavra em Latim “*pupila*”, que é o diminutivo de “*pupa*” (boneca). O sentido da palavra está relacionado ao fato da pupila se parecer com o formato de um humano pequeno. Dessa forma, as antigas traduções permaneciam com a tradução “menina dos olhos” e isto motivou a conceptualização idiomática da expressão e somente as traduções mais recentes que possuem a escrita “pupila dos olhos” em seus versículos.

Vemos essa relação de pupila do olho como um ser em muitas culturas e na própria literatura moderna. Nas obras de Tolkien, como o *Silmarillion*, publicado em 1997, vimos que o “vilão” da obra, chamado Sauron, é representado por um olho gigante flamejante, mas, dentro deste olho, um formato humano se encontra na pupila. Esta alusão de Tolkien para com a Bíblia não é novidade nos estudos tolkienianos e literários. Até os dias atuais, vários estudiosos buscam relacionar as obras deste autor com os versículos bíblicos, pois o mesmo já admitiu que, inconscientemente, ele se baseou na obra bíblica para representar os personagens e a trama envolvida em seus livros.

Até mesmo na cultura astronômica percebe-se esta interpretação da pupila estar relacionada à divindade, como a Nebulosa de Hélix, apelidada como “Olho de Deus”. Assim como a Bíblia e Tolkien, os estudos astronômicos notou que esta nebulosa possui em seu interior um núcleo quente, chamada anã branca, que aquece toda nebulosa criando-se assim o formato do olho. Não nos parece apenas uma coincidência científica que o núcleo do Olho de Deus é chamado de “anã”, que apresenta dificuldade de ser notada, a não ser com muita proximidade (assim como em Tolkien e o nosso olho), fazendo alusão à “pupila”, ou, como podemos notar na expressão idiomática “menina dos olhos”.

A idiomaticidade metaftonímica da expressão se dá com a presença da metáfora ontológica “olho” sendo representada como olho de Deus e a junção da metonímia “pupila pela menina”, ou seja, metonímia PARTE PELO TODO. O sentido desta expressão está em dizer que algo é o “predileto, preferido, objeto de foco” de alguém. Sendo assim, ao dizer “algo/alguém é a menina dos olhos de alguém”, significa que é o que a pessoa mais anseia/deseja. Podemos até mesmo relacionar a argumentação de “pupila” ser “menina/anã/bonequinha” com a dilatação da pupila, quando vemos algo que desejamos ou que nos agrada, nossa pupila dilata, ou seja, diminui. Dessa forma, nota-se que a metaftonímia “menina dos olhos” possui também uma conceptualização cognitiva motivada pela percepção de tamanho/altura que culturalmente está presente na sociedade ocidental.

Esta percepção de tamanho/altura é vista também na expressão metaftonímica “mentira tem perna curta”. Há nesta expressão, a retenção de informação semântica nesta troca de entidade “pessoa por ação/fala”, sendo assim, a metonímia OBJETO PELO USUÁRIO. Há a troca da entidade “pessoa” por “mentira” e havendo essa troca, podemos trazer à tona características humanas como “ter perna curta” e ir além, relacionando essa característica com a capacidade de correr no sentido de ir ou não ir muito longe. Essa relação com o espaço, no sentido físico, de chegar em algum lugar, é um dos caminhos cognitivos para se classificar essa metaftonímia, mas este espaço pode estar relacionado com o quão longe essa pessoa vai (até que ponto temporal ela chega com a mentira).

Portanto, “a mentira dura pouco tempo” se instaura como conceptualização fraseológica. Mesmo que a metáfora e a metonímia estejam ambas continuamente presentes na expressão, percebemos que a metáfora está mais salientada que a metonímia, pois a metonímia realiza a troca da pessoa pela ação/fala, sendo assim, é incabível nesta UF interpretar que o mentiroso dura

pouco tempo, sendo a metonímia necessária apenas para se instaurar na relação da pessoa com aquilo que ela faz. Ou seja, a metáfora VIDA É UMA VIAGEM é mais perceptível na frase por causa da conceptualização de distância física e temporal observada em “não ir muito longe/durar pouco tempo”. Neste caso, a metaftonímia se estabelece conceptualizando a metáfora e fazendo surgir a metonímia “mentira por pessoa”, ou seja, a existência de um só se estabelece sendo codependentes.

Em "o pão de cada dia", nota-se a presença da metáfora conceptual ALIMENTO É SUBSISTÊNCIA como o primeiro percurso traçado cognitivamente para conceptualização metaftonímica, pois, na Bíblia, o pão seria o alimento básico no sustento da família, visto que, desde o Antigo Egito até durante a vida de Jesus, a vida dependia do pão. Na própria Bíblia, percebe-se isso nas seguintes passagens:

Comerás o pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de onde foste tirado; porque tu és pó e ao pó voltarás. Genesis 3:19

Melquisedec, rei de Salém, trouxe pão e vinho e, como era sacerdote do Deus Altíssimo, abençoou Abrão, dizendo: Bendito seja Abrão pelo Deus Altissimo porque criou os céus e a terra” Genesis 14: 18,19

Faltava o pão em toda a região, a miséria era muita, e o Egito e o país de Canaã estavam reduzidos à miséria. José recolheu todo o dinheiro que havia no país do Egito e no de Canaã, em troca do trigo que eles compravam, e fez entrar esse dinheiro no palácio do faraó. Quando o dinheiro estava esgotado no país do Egito e no de Canaã, todos os egípcios se dirigiram a José, dizendo: “Dá-nos pão. Havemos de morrer diante de ti, porque se acabou o dinheiro?” José respondeu: “Entregai os vossos animais, e dar-vos-ei pão em troca deles, visto faltar dinheiro”. Genesis 47: 13>17.

Nos estudos históricos, nota-se que o pão foi um dos primeiros alimentos produzidos pelo homem devido à facilidade de preparo e possuir poucos ingredientes. Naquele tempo, para se preparar um pão, moía-se o trigo na pedra de mó e depois era adicionado fermento na farinha,

molhava, e depois era deixado levedar para aumentar de tamanho e, logo em seguida, levado para o forno de lenha.

O povo levou a sua farinha amassada antes de levedar, e sobre os ombros as suas amassadeiras envoltas nos seus mantos. Êxodo 12:34

Quando analisamos o item lexical “nosso” na expressão “o pão *nosso* de cada dia”, podemos interpretar que os filhos de Deus são inclusos nesta passagem, assim como os cristãos acreditam que a oração é realizada para o bem-estar de todos. Toda a oração do Pai Nosso é feita incluindo a humanidade como um todo, principalmente os que mais necessitam deste alimento. Não há egoísmo em nenhuma parte de toda a oração, pois, na cultura judaico-cristã, o pedido do que é necessário apenas para satisfação individual não é um pedido que será abençoado por Deus. O pão divino seria, portanto, aquele que é compartilhado com os mais necessitados.

Na oração do “Pai Nosso”, nota-se que este alimento é pedido apenas em quantidade necessária para subsistência, nem mais e nem menos. Percebemos isso com o item lexical que sucede a expressão: “o pão nosso de cada dia *nos dai hoje*”. Em seguida, podemos perceber a metonímia como segundo percurso cognitivo relacionando o pão a virtudes necessárias para o convívio diário e vivência em sociedade, bem como também às graças dadas por Deus à humanidade. Em Reis 17:12>16 percebe-se essas virtudes relatadas na estória de Elias e a viúva Judite:

Então ela respondeu: “Pela vida do Senhor, teu Deus, não tenho pão cozido; tenho apenas um punhado de farinha na panela e um pouco de azeite na ânfora; mal tenha reunido um pouco de lenha entrarei em casa para preparar esse resto para mim e para meu filho; vamos comê-lo e depois morreremos”. Elias disse-lhe: “Não tenhas medo; váia casa e faz como disseste. Disso que tens faz-me um pãozinho e traz-mo; depois é que prepararás o resto para ti e para o teu filho. Porque assim fala o Senhor, Deus de Israel: “A panela da farinha não se esgotará,

nem faltará o azeite na almotolia até o dia em que o Senhor mandar chuva sobre a face da terra. ” Ela foi e fez como lhe dissera Elias: comeu ele, ela e sua família, durante alguns dias. Nem a farinha se acabou na panela, nem o azeite faltou na almotolia, conforme dissera o Senhor pela boca de Elias.

Até então analisamos o pão literalmente como subsistência do ser humano e também com virtudes que devemos ter uns para com os outros. Agora, passemos a analisar o pão como Eucaristia o que a Igreja Católica Apostólica Romana e algumas igrejas católicas ortodoxas acreditam ser o próprio corpo de Cristo. Essa ontologia está presente em muitas metáforas na Bíblia:

- Eu sou o pão da vida. João 6:48
- Eu sou o pão vivo que desce do céu. Quem comer deste pão viverá para a eternidade. E o pão que eu darei é a minha carne, dada para que o mundo tenha a vida. João 6:51
- Jesus lhes disse: “Em verdade, em verdade, vos digo, se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. ” João 6:53

Portanto, ao analisarmos o pão como alimento notamos a configuração da metáfora conceptual PÃO É SUBSISTÊNCIA e a metonímia concreto pelo abstrato. Se partirmos do pressuposto de que o pão é virtudes agraciadas por Deus, teríamos a metáfora PÃO É VIDA e a metonímia abstrato pelo concreto. Em outro caso, se analisarmos o pão como Eucaristia, notar-se-á a metáfora ontológica do pão como entidade e a essa entidade podemos dar características e ações que são humanas:

- “O pão desceu do céu”
- “Verbum panis factum est”. A palavra (usada também como metáfora ontológica para Deus) é feita de pão.
- “Receber Jesus em comunhão” (por meio do pão)
- “Comunhão” (Jesus estar junto conosco por meio do alimento/pão)
- Pão Santo (somente um ser pode ser santificado, mas neste caso, o pão se refere ao próprio Cristo).
- O pão e vinho é justiça (Jesus é justiça/justo)

Nota-se que em várias expressões idiomáticas há a conceptualização ontológica de Cristo e o alimento. Em “colher o que planta”, percebemos esta relação que Jesus tem com o pão e vinho por meio de itens lexicais relacionados com o processo de produção do pão (plantar o trigo, colher a semente, fermentar) e do vinho (plantar a vinheira, colher o fruto). Dessa forma, nesta metaftonímia se instaura a chave conceptual VIDA É PLANTAÇÃO, que, por sua vez, emerge da metáfora conceptual AÇÕES E CONSEQUÊNCIAS SÃO PLANTAÇÕES. Em outras palavras, “plantação” é o domínio fonte enquanto “atos e consequências” são o domínio alvo. Deste modo, as expressões que possuem domínios fonte como: colheita; semente; semear; regar; planta; espinhos; árvores; frutos, etc., são conceptualizadas no cognitivo.

➤ “O fruto da justiça é semeado na paz para aqueles que promovem a paz.” Tiago 3:18

Todos estes itens lexicais estão relacionados semanticamente com o domínio alvo “atos e consequências”, ou seja, a metaftonímia “colher o que planta” significa se responsabilizar pelos seus atos e sofrer as consequências por isso, sejam boas ou ruins.

Na metaftonímia “do pó viemos, do pó retornaremos”, percebe-se esta codependência que a metáfora e metonímia possui uma para com a outra. A metonímia se instaura na relação do ser com a matéria “pó”. Há dois caminhos cognitivos que podem ser interpretados como conceptualização da metáfora: orientacional e ontológico. Na primeira interpretação, estaríamos traçando um caminho em que há um ponto de partida A para o ponto de partida B, ou seja, viemos de algum lugar e voltaremos para tal lugar. Neste caminho cognitivo, há uma orientação que mentaliza um caminho a ser percorrido e que até mesmo poderia ser visto como a metáfora conceptual VIDA É VIAGEM se não fosse pelo fato de usarmos essa expressão como uma orientação passado/futuro (que em nossa cultura, é conceptualizado como frente e atrás). Já a

segunda interpretação, a ontológica, temos o item lexical “pó” estando relacionado a um ser vivo, nós.

Na Bíblia, temos a passagem “porque tu és pó e ao pó hás de voltar”, Genesis (3:19). Este versículo se relaciona com a criação do ser humano: “Então o Senhor Deus formou o ser humano com o pó do solo, soprou-lhe nas narinas o sopro da vida, e ele tornou-se um ser vivo” (Genesis 2:7). Porém, na Bíblia apenas podemos ver essa relação com o pó na criação do ser humano e não sobre a segunda parte da expressão “ao pó retornaremos”. Temos, cognitivamente, explicações com base em nossos conhecimentos científicos como, por exemplo, a decomposição do corpo humano após a morte, tornando-se pó. Na cultura do antigo Egito, os corpos eram preservados justamente para retardar a decomposição e não tornar pó o que era um corpo humano. Na astronomia, podemos ver pesquisas que relatam que as estrelas são formadas de poeira estelar e que esta poeira possui, em maior parte de sua composição, os mesmos átomos encontrados em nós seres humanos. Cabe ressaltar que o intuito desta dissertação não é a de averiguar a veracidade dos estudos astronômicos, mas de apenas relacioná-los, como parte fundamental da cultura, com nossa conceptualização de certas expressões.

Agora que foi explicado como que, cognitivamente, relacionamos os seres com o item lexical “pó”, podemos, então, relacionar esses mesmos seres como algo que, ontologicamente, possa caber em um recipiente. Primeiro, vamos retomar na explicação da primeira parte “do pó viemos”, que, em versículos bíblicos, contrasta com a criação divina. Agora, retomemos à segunda parte “ao pó retornaremos”, em que, em algumas culturas e religiões, é realizada a cremação do corpo em vez de enterrá-lo e, após a cremação, as cinzas são guardadas em um recipiente.

Podemos, portanto, analisar a UF como uma metáfora ontológica de recipiente conferindo ao “recipiente” características de um local aonde iremos retornar. Não somente na cremação há essa ontologia de recipiente, mas até mesmo no enterro há essa possibilidade de conceptualização. Se analisarmos o caixão como um recipiente em que o corpo se decompõe e está sendo utilizado para guardar essa decomposição, então é cabível a análise de recipiente neste contexto também.

Já na expressão “me pegar para Cristo”, que significa que nos é dada uma culpa mesmo sendo inocente, há a presença da metonímia PESSOA PELA CARACTERÍSTICA, em que a figura de Cristo é remetida a suas características como, neste caso, culpado. Se partirmos do

pressuposto que Cristo era inocente de seu julgamento, então a metonímia “Cristo” por “culpado mesmo sendo inocente” se instaura no cognitivo. Sendo assim, a conceptualização realizada aqui é pela relação que Cristo tem com sua inocência. Poderíamos, portanto, inferir a essa metonímia uma característica que seria a de trocar qualquer indivíduo pela sua inocência, como “me pegar para Anne Frank” ou “me pegar para Joana D’arc”. Porém, é perceptível o quanto a religiosidade cristã é influente nesta conceptualização, justamente por conferir à maior figura histórica, a característica que mais se assemelha a ele, a de um injustiçado.

Essa característica religiosa metonímica não é novidade no discurso metafórico popular. Nota-se que a religiosidade está presente até mesmo em metaftonímias antroponímicas como “você é um Judas”; “você parece Tomé”, ou até mesmo quando nomeamos o berço de um recém-nascido de Moisés. É perceptível que não somente versículos específicos da Bíblia geram metáforas e metonímias nos dias atuais, mas também acontecimentos, fatos históricos, diálogos, características dos personagens e profecias são tidas como motivações para a conceptualização de metaftonímias.

Em “dar a César o que é de César”, percebemos a presença antroponímica da figura histórica de César Augusto, imperador romano. No contexto, Jesus foi questionado sobre se era lícito ou não o pagamento de impostos e Jesus responde que os impostos são de competência do governo e não cabia a ele resolver tais problemas. Trazendo para a semântica metafórica, a expressão popularmente significa ser justo consigo, com os outros e com a situação, por exemplo: “temos que dar a César o que é de César, pois não podemos trabalhar mais que o combinado”, ou seja, temos que ser justos com o horário de trabalho combinado. Neste caso, o dinheiro estaria relacionado a virtudes, portanto, a metáfora conceptual DINHEIRO É VIRTUDE se instaura na metaftonímia “dar a Cesar o que é de César”.

Diferentemente do que vimos na metaftonímia “mentira tem perna curta”, que notamos um maior grau idiomático oriundo da metáfora e sobrepondo a metonímia, nota-se que o inverso ocorre em metaftonímias que possuem características antroponímicas, como “dar a César o que é de César”. Neste segundo caso, o destaque da metonímia se instaura na unidade fraseológica devido sua retenção de características idiomáticas na troca do nome pelo que a pessoa representa:

“Pegar para Cristo” > Cristo representando um inocente injustiçado

“Você é um Judas” > Judas representando um traidor

“Você parece Tomé” > Tomé representando um descrente

“Comprei um Moisés” > Moisés representando a manjedoura

É muito comum vermos conceptualizações antroponímicas no cotidiano em expressões idiomáticas como “Maria vai com as outras” ou “João sem braço”. Porém, não podemos simplesmente relacionar tais expressões com a Bíblia somente porque “Maria” e “João” são nomes bíblicos. Temos sim, algumas expressões que utilizam o nome de Maria, como: “Nossa Senhora”; “Bem-aventurada”; “Virgem do Silêncio”; “Consagrada”; “Concebida Sem Pecado”; “Cheia de Graça”; “Estrela do Mar”; “Rainha do Céu”, etc, como motivação cognitiva ao conceptualizar a mãe de Jesus pelos feitos e títulos dela na igreja católica. Porém, essa relação precisa estar interligada ao caminho cognitivo traçado por motivações conceptuais perceptíveis cultura e discursivamente. Não é comum, portanto, vermos expressões que utilizem nomes bíblicos que são muito comuns entre o povo brasileiro, como: Elias, Marcos, Felipe, André, Pedro. Isso porque estes nomes não possuem características fortes oriundas de acontecimentos históricos que sejam suficientemente capazes de se fixarem na tradição como fonte de motivação metafórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e a releitura de alguns versículos bíblicos em que aparecem as diversas unidades fraseológicas nos levam a transmitir por repetição as expressões formulaicas tão presentes no português brasileiro, que têm como ponto de partida o contexto histórico e cultural, com que, pela linguagem, nos constituímos socialmente. Entre os vários contextos motivadores, encontra-se a Bíblia, rica em transmitir expressões idiomáticas no cotidiano, centrada na religiosidade, mesmo que o falante não esteja inserido no contexto religioso. Servem de exemplos expressões como “afff!” e “Nossa!”, variantes de “Ave Maria!” e “Nossa Senhora!”.

Nesta dissertação, investigamos algumas expressões idiomáticas, oriundas da Bíblia, conceptualizadas por mecanismos metafóricos e metonímicos, usadas no português do Brasil. Para isso, recolhemos expressões que motivam as pessoas a usarem tanto o conhecimento quanto as experiências físicas e sociais disponíveis no estado de coisas em que vivemos.

Observamos que as expressões analisadas resguardam certo grau de moralidade, moldado pela religião, implícito na composição. Notamos que parêmsias como “seja feito a Vossa vontade”; “venha a nós o Vosso Reino”, entre outras expressões idiomáticas, que servem para instruir o falante a situar-se em um contexto de moralidade.

Para a organização metodológica da pesquisa, inicialmente, analisamos as UFs segundo a classificação fraseológica e o grau de idiomaticidade. Percebemos, então, que as UFs com maior grau de idiomaticidade, geralmente, são Enunciados Fraseológicos que possuem características das classificações metafóricas postuladas por Corpas Pastor (1996); essa percepção não é apenas coincidência, mas está de acordo com os parâmetros estabelecidos pelos estudos fraseológicos. Por sua vez, as colocações e as locuções apresentam um menor grau de idiomatismo em relação aos enunciados fraseológicos por causa da configuração metaftonímica. Além disso, as parêmsias, que estão no âmbito de enunciados fraseológicos, estão mais cristalizadas e são fixas no discurso.

Nas classificações metafóricas, metonímicas e metaftonímicas, as Unidades Fraseológicas que têm maior idiomaticidade são mais complexas por causa da junção de várias classificações

literais, metonímicos e metafóricos. Sobre esta última, vale lembrar que estão presentes em todas as UFs analisadas.

No contexto religioso, é muito comum haver metáforas com a conceptualização de Deus como um ser vivo, que constituem ontologias e aparecem em expressões idiomáticas, mesmo no discurso de falantes descrentes. Quando analisamos as correlações entre a metáfora e a metonímia, percebemos que a consistência conceptual metaftonímica é contínua e contígua.

Assim sendo, consideramos que o conceito de religiosidade exerce grande influência na cristalização das UFs metafóricas, porém, quando a metáfora se fixa nos enunciados, torna-se apartidária, no sentido de não repassar somente o contexto religioso como maior influente cognitivo na conceptualização metaftonímica. As UFs são, portanto, um tipo de construção que parte da natureza corpórea e cerebral inserida nos ambientes em que estamos, para conceituar as relações sociais e os valores de cada indivíduo. Dessa forma, a metaftonímia constrói no discurso diversas interpretações, justamente por ter várias vias conceptuais no processamento cognitivo, o que possibilita até mesmo conflitos interpretativos entre os falantes.

Por fim, consideramos que a metaftonímia se configura com base em experiências corporificadas, que necessitam de nossa percepção de mundo, para que possamos conceptualizar os itens lexicais e recriar expressões idiomáticas. A Bíblia, por sua vez, influencia no sentido de nos fornecer itens lexicais - e grande parte já se encontra em nosso conhecimento literário - que revelam e resguardam valores morais e éticos.

REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO, Marco. Que Bíblia devo adquirir?. Instituto Religioso-Nova Jerusalém. Disponível em: <https://www.irnovajerusalem.com.br/2011/11/que-biblia-adquirir/>
- BAKTHIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BEVILACQUA, Cleci Regina. Da fraseologia. In: **Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL**. Área de Lingüística. v. 2. João Pessoa: ANPOLL, 1994.
- _____. **A fraseologia jurídico-ambiental**. 1996. 115 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós Graduação em Letras, UFRGS, [1996].
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Os Dicionários na Contemporaneidade: Arquitetura, Métodos e Técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de.; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande:Ed. UFMS, 1998, p. 129-142. 263 p.
- _____. Conceito lingüístico de palavra. **Revista paLavra**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC -Rio, n. 5, p. 81 – 97. 1999.
- _____. **Dicionário e léxico do Português Brasileiro**. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~is/educar2002/dicionarios/dicionarios.html>>. Acesso em: 11 de mar. 2007.
- COSERIU, Eugenio. Teoria del lenguaje y lingüística general. Madrid: Gredos, 1967.
- CRYSTAL, David. A Dictionary of Linguistics and Phonetics. 6 ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.
- CUENCA, María José, y HILFERTY, Joseph. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona, España: Editorial Ariel, 1999.
- DIRVEN, René & Pörings, Ralf (Eds.). **Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast**, Berlim, Mouton de Gruyter. 2002.
- DRANE, John. **Enciclopédia da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2009
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analyzing Discourse**. New York: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: UnB, 2010
- FAUCONNIER, G. **Mental spaces**. Cambridge, MA: MIT Press, 1985.
- 198
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we thing**: conceptual blending and the

mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

FAULSTICH, Enilde. Ampliação do vocabulário. A coesão lexical. In: *Lexicografia*. 2020b. p. 58-61.

FAULSTICH, Enilde. Análise operacional de esquemas contextuais: o campo lexical e a moldura, p. 191-200. *Acta Semiótica et Linguística*. Sociedade Brasileira de Professores de Linguística, v. 15, n. 1 (2010, ano 34), *Revista Internacional*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB/Ideia. 278 p. ISSN 0102-4264.

FELTES, H. P. M. A semântica cognitiva prototípica de George Lakoff. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 49-71, 1992.

FELTES, H. P. M. **Semântica cognitiva**: ilhas, pontes e teias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FILLMORE, Charles J. *The case for case*. The Ohio State University, 1968.

FILLMORE, Charles J. *The case for case reopened*. In: COLE, P.; SANDOCK, J. (Orgs.). *Syntax and Semantics: Gramatical relations*. v. 8. Nova Iorque: Academic Press, 1977.

GOOSSENS, L. *Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action*. In: René Dirven, Ralf Pöring (eds.), **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2003, p.349-377.

GRADY, J.; JOHNSON, C. *Converging evidence for the notions of subscene and primaryscene*. In: René Dirven, Ralf Pöring (eds.), **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 533-554.

HORN, Laurence R, & Ward, Gregory. **The Handbook of Pragmatics**. London: Blackwell Publishing Ltd, 2004.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Os atos de linguagem indiretos. In: **Atos de Linguagem no Discurso: teoria e funcionamento**. Trad. De Fernando A. de Almeida e Irene E. Dias. Niterói, RJ. EdUFF, 2005.

KLARE, Johannes. **Lexicologia e fraseologia no português moderno**. *Revista de Filologia Românica*, 4. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1986: 355-60.

KOCH, I. G. V. **A Interação pela Linguagem**. 4ª Ed., São Paulo: Contexto, 1998.

_____. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. 2ª Ed., São Paulo: Contexto, 1998.

_____. **Desvendando os Segredos do Texto**. São Paulo: Cortez Editora: 2003.

_____. **Coesão Textual**. 6ª Ed., São Paulo: Contexto, 1993.

KOCH, Ingedore G.V. & Elias, Vanda M.. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

KOCH, I.G.V., BENTES, A.C.; CAVALCANTE, M.M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LUQUE DURAN, Juan de Dios e MANJÓN POZAS, Francisco José. "**Fraseología, metáfora y lenguaje taurino**". In: LUQUE DURÁN, Juan de Dios; PAMIES BERTRÁN, Antonio (eds.). **Léxico y Fraseología**. Granada: Método Ediciones, 1998: 43-70.

MARCUSCHI, Luiz A. **Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEY, J.L. Pragmatics. In: **Introduction**. 2nd Massachusetts: Blackwell, 2001.

MONDONI, Danilo. Tradução Ecumênica da Bíblia. Vatican News – Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2020-08/traducao-ecumenica-da-biblia.html>

RADDEN, G. How metonymic are metaphors? In: René Dirven, Ralf Pöring (eds.), **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 407-434.

RADDEN, G. How metonymic are metaphors? In: René Dirven, Ralf Pöring (eds.), **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 407-434.

SILVA, Augusto Soares da. A linguística cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**. Vol. 1. 1997.

SILVA, Antonio Gilberto da. A Bíblia através dos séculos. A história e formação do Livro dos livros. Levita Digital – Disponível em: <https://docero.com.br/doc/ne85xv>

TAYLOR, R. J. Category extension by metonymy and metaphor. In: René Dirven, Ralf Pöring (eds.), **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 323-347.

TEIXEIRA, José. Metaftonímia, Cognição e Cinema: O caso de Match Point de Woody Allen, in Macedo, Ana Gabriela, et alii, *Estética, Cultura e Material e Diálogos Intersemióticos – XII COLÓQUIO DE OUTONO*, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade de Minho, p. 165-184